

Leda Rúbia Corbulim Maurina

**EDUCAÇÃO E POLÍTICAS PÚBLICAS DE  
REDUÇÃO DE RISCOS E DANOS DO USO ABUSIVO  
DE BEBIDAS ALCOÓLICAS ENTRE ESTUDANTES  
UNIVERSITÁRIOS**

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Educação, da Faculdade de Educação da Universidade de Passo Fundo, como requisito parcial e final para a obtenção do grau de Mestre em Educação, tendo como orientador a Prof<sup>ª</sup>. Dra. Solange Maria Longhi.

Passo Fundo

2007

A todos aqueles que vivenciam (ou vivenciaram)  
as “dores e delícias” da vida acadêmica;  
Aos educadores, cientistas sociais e da saúde,  
esperançosos e comprometidos na construção de  
um mundo melhor.

## AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Leda e Alfredo, por todo amor,  
confiança, renúncias e investimento;  
À professora Solange Longhi que me acolheu  
com tanto carinho, disponibilidade e sabedoria;  
À professora, colega, “mãe loira” Silvana  
Baumkartem que me tornou uma “viciada” em  
pesquisa sobre drogas, meu eterno exemplo de  
profissional psicóloga;  
Aos professores Ricardo Ceccim (UFRGS)  
Tatiana Lebedeff e demais professores do  
Mestrado em Educação da Universidade de Passo  
Fundo, por terem colaborado com meu  
crescimento quando compartilharam seu  
conhecimento comigo;  
Aos colegas do Centro de Psicologia Aplicada, da  
Especialização em Intervenção Psicossociais, e  
do Mestrado, especialmente aos amigos dos  
grupos de pesquisa, pelo companheirismo e  
trocas nas nossas infinitas discussões;  
Aos meus familiares e amigos pelo apoio,  
incentivo e tolerância com minhas ausências  
justificadas, repetitivamente, pelo mestrado;  
Ao Binho, minha inspiradora paixão, pela  
paciência e compreensão nessas últimas semanas  
de produção deste trabalho;  
À Vice-Reitora de Graduação, Diretores de  
Unidade, Coordenadores de Curso, em especial,  
aos que foram entrevistados, assim como o  
representante do Diretório Central de Estudantes,  
pessoas que tornaram possível a realização da  
pesquisa campo;  
Aos meus alunos, amigos universitários e sujeitos  
da pesquisa, por terem sido “meus musos  
inspiradores”;

À Ângela, Roberta, Anderson, professora Dileta,  
Carlos, Rubiane, Nathália e Karina, que acabaram  
sendo fundamentais na concretização deste  
trabalho;

E, obviamente, a Deus, por, entre infinitas outras  
razões, ter me dado o privilégio de ter colocado  
todas essas pessoas em minha vida.

## RESUMO

O uso abusivo de bebidas alcoólicas, tema de variadas discussões atuais, tem estado presente na mídia, evidenciando que a sua análise é uma necessidade social. A educação como uma prática social é co-responsável pelo futuro dessa questão. O presente estudo remete às políticas públicas direcionadas à educação de um grupo de jovens em processo de formação: os estudantes universitários. Sua abordagem teve como objetivos: conhecer a percepção dos jovens quanto aos riscos a que ficam expostos quando abusam de álcool; investigar alguns dos motivos subjacentes ao seu consumo e visualizar possibilidades de ações pedagógicas voltadas para a redução desses riscos em decorrência do uso abusivo de bebidas alcoólicas. Para tanto, utilizou-se da técnica do grupo focal e de questionário complementar; para o tratamento das informações foi utilizada a análise de conteúdo. As categorias emergentes das falas dos universitários explicitaram como motivos subjacentes ao consumo a importância da família, o álcool como “lubrificante” social, a influência da mídia, as festas e o contexto universitário e o alívio de tensões inerentes à vida acadêmica. Os sujeitos identificaram como riscos ao uso abusivo de bebidas alcoólicas: danos físicos, dependência de álcool e uso de outras drogas, prejuízos no desempenho acadêmico e nas relações familiares. Como ações a serem implementadas na universidade, os jovens sugeriram atividades sócio-integrativas, recreativo-culturais e reflexivo-publicitárias integradas numa política institucional, envolvendo toda comunidade acadêmica na sua construção e execução. Esta investigação proporcionou uma reflexão sobre a importância de pesquisas que envolvam essa problemática para subsidiar políticas e programas de prevenção ao abuso de álcool e outras drogas no contexto universitário. Da mesma forma, evidenciou a função pedagógica e social da universidade de coordenar ações pedagógicas de redução de riscos e danos à formação integral dos jovens por meio de sua educação em

relação ao consumo de bebidas alcoólicas, levando-os a refletir sobre a possibilidade de aliviar suas tensões e fazer suas integrações e comemorações sem a necessidade de exposição ao uso abusivo do álcool e às suas conseqüências.

Palavras-chave: Educação, ações pedagógicas, bebidas alcoólicas, estudantes universitários.

## ARTICLE

The alcohol's excessive use, subject of many current discussions, have been presented in media, showing that its analysis is a social need. The education, as a social action, becomes co-responsible for this question's future. This study is among the publics politicizes addressed to the educations of a specific young group in graduation's process: The universities students. The approach had the following objects: To know the perception of this people about the risks that they can be expose when use alcohol excessively, to investigate some of the underlying reasons of this substance's use and to visualize pedagogic actions possibilities, turned to this risks reduction, elapsing of the excessive use of alcoholic drinks. Therefore, the focal group method and supplementary questions were utilized; to the information's treatments, later, was developed the content analysis of this questions. The universities speech's emerging categories, exploded as underlying reasons of the use, the families importance, the alcohol as a social "lubricant", the media's influence, the parties and universities contexts and the academic's life tensions relief. The students identified as risks of the excessive use of alcohol drinks: physical damage, alcohol dependence and others drugs use, academic's performance loss and in the familiar relationship. As actions to be implemented in university, the young suggested partner-integration, cultural-recreational and advertising-reflexive activities, integrated in an institutional policy, involving in this build and performance, all the academic community. This investigation provides a reflection about the importance of the researches that involve this problematic to subsidize prevention's programs and policies to the abusive use of alcohol and others drugs in university context. The research showed the pedagogic and social university's function in organize pedagogic actions of risks and damages reduction in integral young's formation, through their educations related with the use of drinks

alcohols critically, to that they can think about the possibilities to relieve their tensions and to make the integrations and commemorations without the exhibition to the alcohol excessive use, as well as it's consequences.

Key words: Education, pedagogic actions, alcohols drinks, universities students.

## **LISTA DE SIGLAS**

ACOM: Ação Comunitária contra o uso de Álcool na Infância e Adolescência

ANVISA: Agência Nacional de Vigilância Sanitária

CEBRID: Centro Brasileiro de informações sobre Drogas Psicotrópicas

CEP: Comitê de Ética em Pesquisa

CEMAE: Centro Municipal de Atendimento ao Educando

CID- 10: Classificação Internacional de Doenças

CNS: Conselho Nacional de Saúde

COMEM: Conselho Municipal de Entorpecentes

CONAR: Conselho de Auto-Regulamentação Publicitária

CPA: Centro de Psicologia Aplicada

DCE: Diretório Central de Estudantes

DSM- IV: Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders

FAC: Faculdade de Artes e Comunicação

NARANON: Grupo de Familiares e Amigos de Adctos

OBID: Observatório Brasileiro de Informações sobre Drogas

OMS: Organização Mundial de Saúde

PROERD: Programa Educacional de Resistências às Drogas e Violência

PUC-SP: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

RRD: Redução de Riscos e Danos

SENAD: Secretaria Nacional Antidrogas

UFMG: Universidade Federal de Minas Gerais

UFRGS: Universidade Federal do Rio Grande do Sul

UNESP: Universidade Estadual Paulista

UNICAMP: Universidade de Campinas

UNIFESP: Universidade Federal de São Paulo

UPF: Universidade de Passo Fundo

USP: Universidade de São Paulo

## SUMÁRIO

RESUMO.....	5
INTRODUÇÃO .....	13
1 CONSUMO DE DROGAS: USO DE BEBIDAS ALCOÓLICAS .....	21
1.1 Algumas considerações sobre a sociedade contemporânea .....	23
1.2 Breve história do uso de bebidas alcoólicas.....	25
1.3 Padrões de consumo de bebidas alcoólicas.....	26
1.4 Indústria cultural e bebidas alcoólicas.....	27
2 ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS E O CONSUMO DE BEBIDAS ALCOÓLICAS	31
2.1 Alongamento da Adolescência.....	32
2.2 Conceito de vulnerabilidade.....	34
2.3 Bebidas alcoólicas entre estudantes universitários.....	35
3 POLÍTICAS PÚBLICAS E REDUÇÃO DE RISCOS E DANOS (RRD) AO USO ABUSIVO DE BEBIDAS ALCOÓLICAS.....	38
3.1 Políticas públicas e a problemática do consumo de álcool.....	40
3.2 Possibilidades de ações educativas na RRD .....	42
3.2.1 Educação, maioridade e conscientização .....	44
3.3 Redução de Riscos e Danos – RRD.....	45
3.4 Prevenção .....	51
4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DAS INFORMAÇÕES.....	54
4.1 Sujeitos e métodos .....	55
4.2 Análise e discussão dos dados.....	56
4.2.1 Motivos subjacentes para o consumo de bebidas alcoólicas.....	57
4.2.2 Riscos de danos associados ao uso abusivo de bebidas alcoólicas.....	68

4.2.3 Sugestões de ações educativas concretas no ambiente universitário.....	73
CONCLUSÕES .....	80
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	85
ANEXO 1 - SELEÇÃO E MEDIDAS DE AVALIAÇÃO PUBLICADAS E INÉDITAS	93
ANEXO 2 - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO .....	96
ANEXO 3 – GRÁFICO ‘SENTIRIA DESINIBIDO’ .....	98
ANEXO 4 – GRÁFICO ‘SERIA MAIS FÁCIL CONVERSAR COM AS PESSOAS’ ....	99
ANEXO 5 - GRÁFICO ‘DESCUIDARIA DAS MINHAS OBRIGAÇÕES’ .....	100

## INTRODUÇÃO

As conseqüências do uso abusivo de drogas, em especial, de bebidas alcoólicas se constituem num drama social bastante atual. Nos mais diferentes meios de comunicação se pode acompanhar inúmeras discussões sobre esta temática protagonizada por políticos, profissionais de diversas áreas e pela população em geral. Nos últimos meses essas discussões se intensificaram tanto a nível nacional quanto estadual: nacional, especialmente, em função da Política Nacional sobre o álcool aprovada através do Decreto nº 6.117, de 22 de maio de 2007<sup>1</sup> e no Rio Grande do Sul pela polêmica da Lei Seca proposta pelo secretário de segurança pública estadual, a qual prevê a proibição de bebidas alcoólicas em determinados locais e horários em cidades com altos índices de criminalidade, posição que têm opiniões controversas tanto entre governantes como comunidade. Independente da abordagem das estratégias de enfrentamento aos riscos e danos causados pelo uso abusivo de álcool, pesquisas nos mostram que elas são indispensáveis: no ano de 2001 a Secretaria Nacional Anti Drogas (SENAD), em parceria com o Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas (CEBRID), realizou o I Levantamento Domiciliar sobre o Uso de Drogas Psicotrópicas no Brasil<sup>2</sup>, por meio do qual entrevistaram mais de duzentas mil pessoas (entre 12 e 65 anos de idades) das cento e sete maiores cidades brasileiras, apurando que 68,7% dos entrevistados fazem uso de

---

<sup>1</sup> Decreto que dispõe sobre as medidas para redução do uso indevido de álcool e sua associação com a violência e criminalidade, e dá outras providências (BRASIL, 2007).

<sup>2</sup> I Levantamento domiciliar sobre o uso de drogas psicotrópicas no Brasil, estudo envolvendo as 107 maiores cidades do país: 2001 / E.A. Carlini. [et al.]. -- São Paulo: CEBRID - Centro Brasileiro de Informações Sobre Drogas Psicotrópicas: UNIFESP – Universidade Federal de São Paulo, 2002. O relatório do II Levantamento Domiciliar sobre o Uso de Drogas Psicotrópicas no Brasil ainda não se encontra disponível no momento. É possível ter acesso apenas a algumas informações através do boletim eletrônico da Aliança Cidadã para o Controle do Álcool, vinculada à Unidade de Pesquisa em Álcool e Drogas.

bebidas alcoólicas e constatando ser o álcool a droga lícita mais consumida em nosso país. Desses entrevistados 11,2% preenchiam os critérios de dependência do álcool, o que aumentou consideravelmente no II Levantamento Domiciliar sobre o Uso de Drogas Psicotrópicas no Brasil, chegando à 12,3%. As bebidas alcoólicas são as drogas que mais matam em nossa sociedade, seja em decorrência de suas sequelas fisiológicas, seja pelos comportamentos de alto risco decorrentes de seu uso, os quais trazem conseqüências prejudiciais não só ao indivíduo que faz uso, mas a toda a sociedade, de maneira direta ou indireta.

Com isso, o uso de drogas lícitas ou ilícitas é um dos temas que mais afligem pais e educadores. Nas últimas décadas essa preocupação de pais e educadores tem se intensificado, e, nesse ponto, acho indispensável situar o lugar de onde falo: nascida no início da década de oitenta, vivenciei esse cuidado tanto pela minha família quanto por alguns professores; todos diziam-se horrorizados com os sujeitos que rotulavam de “boleteiros” e “maconheiros”, dos quais indicavam que se devia manter distância. Me recordo que nessas falas os usuários pareciam não ter sentimentos, sofriam apenas de uma grande falta/falha de caráter que os permitia fazer “tudo”. Lembro que meus pais chegaram a comprar algumas revistas que falavam dos malefícios das drogas recheadas de fotos horripilantes; eu gostava de lê-las, mas, de tudo isso, indubitavelmente, o que mais me chamou atenção foi ver o filme – e depois ler o livro – “Eu, Christiane F., Treze Anos, Drogada, Prostituída”, de autoria de Kai Hermann e Horst Rieck. Ao me reportar a essa obra, algumas imagens são instantâneas em minha memória, as quais, por muito tempo, fizeram me manter longe não só das drogas (ilícitas), mas também de toda e qualquer pessoa que eu desconfiasse que pudesse ser um “drogado”.

Anos mais tarde, meu interesse profissional e acadêmico pelas drogas iniciou ainda durante o curso de Psicologia realizado na Universidade de Passo Fundo - UPF, quando integrei, como bolsista voluntária, o Grupo de Estudos em Substâncias Psicoativas (GROESP, 2001-2003<sup>3</sup>), o qual realizou o I Diagnóstico da comunidade escolar pública e privada do município de Passo Fundo em relação ao uso de substâncias psicoativas. Passo Fundo foi o primeiro município do interior do estado a utilizar o questionário do CEBRID que, até então, só tinha sido utilizado nas vinte e sete capitais brasileiras. Durante os dois anos em que fiz parte desse grupo participei, dentre outras atividades, da aplicação dos questionários nas escolas e da tabulação dos dados. Nas escolas podíamos perceber

---

<sup>3</sup> Há previsão de que volte a integrar esse grupo durante a coleta de dados do I Levantamento Domiciliar sobre o Uso de Drogas Psicotrópicas no Município de Passo Fundo, a partir do mês de agosto de 2007.

nitidamente a preocupação, e em muitos casos até o desespero, dos professores em relação às drogas. Vários gestores e professores nos solicitavam intervenções em suas escolas, porém, na época, essa atividade não era contemplada no plano de trabalho do grupo. Quando digitava os dados para que fossem analisados percebia o porquê da inquietação das escolas: a frequência e a quantidade de drogas ingeridas pelos estudantes era de fato muito preocupante.

No decorrer do curso, à medida que fui realizando meus estágios curriculares, minha percepção a respeito da importância dos profissionais de saúde e educação perante a problemática das drogas foi sendo reforçada. Além do estágio de Psicologia Escolar (2002), no qual as preocupações eram semelhantes com as que relatei anteriormente, meu estágio de Prática Introdutória Supervisionada (2002) foi realizado do Hospital Psiquiátrico Bezerra de Menezes, onde boa parte dos pacientes internados tinha problemas relacionados ao uso de álcool e outras drogas; esse foi meu primeiro contato com o sofrimento humano consequente dessas substâncias. Já no estágio de Psicologia Organizacional e do Trabalho (2003) desenvolvido na Brigada Militar, pude voltar à prevenção na escola, quando, além de acompanhar algumas atividades do Programa Educacional de Resistência às Drogas e Violência – PROERD, participei ainda de algumas reuniões do Conselho Municipal de Entorpecentes – COMEN e da organização não governamental, Ação Comunitária contra o uso de álcool na infância e adolescência – ACOM.

Dentro das minhas atividades de estagiária de Psicologia Clínica (2003), no Centro de Psicologia Aplicada – CPA, passei a integrar a equipe do grupo de pesquisa Tratamento da Drogadição na Adolescência, o qual, depois de enfocada a abordagem da redução de danos e competência familiar, seguia nessa perspectiva, porém destacando a figura paterna, por ter percebido sua importância não só na formação do sintoma, como também no desenvolvimento do tratamento em terapia familiar sistêmica. Foram realizadas visitas a algumas fazendas de recuperação da região e a uma reunião do Grupo de Familiares e Amigos de Adictos – NARANON, com intuito de tentar visualizar a participação do pai nessas diferentes formas de tratamento. Minha experiência nesses lugares desconstruiu muitos dos meus preconceitos relacionados ao perfil dos usuários e de seus familiares.

No ano de 2004, já tendo concluído minha graduação, continuei a integrar o grupo como colaboradora voluntária. Nesse mesmo ano, juntamente com o restante do grupo, participei da organização e apresentação de um seminário aberto à comunidade intitulado “Conversando sobre a Drogadição na Adolescência”, o qual contou com a presença de aproximadamente cem pessoas que dialogaram com o grupo sobre suas preocupações em

relação a essa problemática. No seminário, evidenciou-se a necessidade de expandirmos nosso trabalho; então, em 2005, além da renovação da pesquisa (uma vez que a discussão sobre a figura paterna nos levou a perceber a importância de evidenciarmos como problema de pesquisa os papéis parentais e conjugais das famílias com adolescentes drogaditos), trabalhei com o grupo na construção de um projeto de extensão: “Tratamento e Prevenção da Drogadição na Adolescência”, vinculado ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de Passo Fundo o qual entrou em vigor no segundo semestre de 2005. Aqui o objetivo era tentar dar conta das necessidades percebidas no seminário e também da demanda de famílias que precisavam ser atendidas sem que outras atividades de pesquisa fossem prejudicadas.

Enquanto parte do grupo de extensão, ainda em 2005, passei a frequentar reuniões coordenadas pela promotora de infância e juventude do nosso município, na tentativa de articular uma rede de atenção às crianças e aos adolescentes com problemas de drogas. Trabalhei com o grupo na construção de uma proposta de intervenção e, dentre as entidades que participavam da rede (Hospitais, Secretaria Municipal de Saúde, Secretaria Municipal de Ação Social, Coordenadoria Regional de Saúde, Conselho Tutelar e Secretaria Municipal de Educação), acabamos nos vinculando a esta última, através duma parceria com o Centro Municipal de Atendimento ao Educando – CEMAE. Em 2006, os trabalhos de prevenção de drogas junto aos professores foram iniciados em uma escola municipal na qual se teve uma avaliação bastante positiva do nosso trabalho.

Nesses quatro anos de experiência clínica, na equipe de terapeutas de famílias com adolescentes usuários de drogas aprendi inúmeras lições notáveis para minha vida pessoal e profissional – se é que existe forma de separá-las – dentre as quais acredito ser imprescindível destacar: quando deixamos de nos dar conta da complexidade e abrangência dos fenômenos relacionados ao uso de drogas, muitas vezes sentimo-nos frustrados e impotentes sem conseguir visualizar outras perspectivas, e por isso nos tornamos cegos e reducionistas. Creio que uma das maneiras eficazes de sobrepujarmos isso é o trabalho em equipe, trabalho em constante construção e avaliação de suas intervenções, considerando a subjetividade, a integralidade, não somente dos sujeitos que compõem as famílias que chegam até nós, como também a de cada componente da equipe terapêutica e reflexiva<sup>4</sup>.

---

<sup>4</sup> A terapia de família é desenvolvida por uma equipe de terapeutas (professores e estudantes de graduação e pós-graduação da UPF); numa sala com espelho unidirecional, sendo que o terapeuta e co-terapeuta ficam junto com a família e os demais componentes da equipe ficam atrás do espelho, fazendo suas intervenções

Dentro das experiências relatadas até o momento ficou evidente para mim que tanto o tratamento, como a prevenção do uso/abuso de drogas têm variados modelos de intervenção; as diferenças entre os paradigmas da abstinência e da redução de danos são gritantes<sup>5</sup>. No meu estágio de docência, realizado no segundo semestre de 2006, trabalhei a prevenção de drogas nas escolas na disciplina de Psicologia Escolar II, o qual se configura, em minha opinião de egressa do curso de Psicologia, como um dos poucos espaços de discussão dessa temática, o que, aliás, me fez sentir com uma responsabilidade ainda maior: como sintetizar tudo o que já li e vivenciei de maneira que os alunos pudessem, em poucas horas, além de obterem informações, refletirem sobre seu papel em relação a essa problemática? Quando iniciei a escrita desta dissertação me deparei novamente com o desafio de condensar minha experiência, meus sentimentos e leituras em palavras que, mesmo com muito empenho, essa “tradução” jamais será completa e por isso me projetará constantemente a novos enfrentamentos e desafios.

Dentre as categorias de drogas, a bebida alcoólica é a que me desperta curiosidades intrigantes, por ser uma droga lícita que nossa sociedade ora enaltece, ora repudia, seja na cotidianidade familiar, entre amigos, colegas, seja por parte de profissionais das mais diversas áreas – entre as quais se destacam os que trabalham nos meios de comunicação, que a todo o momento veiculam mensagens implícitas ou explícitas referentes a essa temática.

Quando iniciei minha especialização em Intervenções Psicossociais<sup>6</sup> no ano de 2005, essa inquietação no que se refere às bebidas alcoólicas fez com que eu desejasse desenvolver como trabalho de conclusão do curso algo referente ao tratamento do alcoolismo com abordagem de redução de danos. Para acomodar esse meu interesse na educação e numa das linhas de pesquisa do mestrado, adaptei minha proposta direcionando à universidade, aos estudantes de graduação. Nunca havia realizado estudos específicos com universitários, minha opinião provinha apenas de vivências cotidianas; portanto não tinha muita noção das dimensões que esse fenômeno abrange.

Quando recorri à literatura tomei contato com a informação de que os jovens constituem o grupo social que mais consome bebidas alcoólicas, e esse consumo está diretamente ligado a uma série de comportamentos de risco. (GREY, 2004). Nos grupos

---

através do interfone. No final de cada atendimento, a família troca de ambiente na sala com a equipe que discute o que emergiu da sessão com a família assistindo atrás do espelho.

<sup>5</sup> O terceiro capítulo deste trabalho contempla algumas dessas diferenças que denominei como gritantes.

<sup>6</sup> A referida especialização foi interrompida durante o período do mestrado, mas será retomada a partir de setembro de 2007. Desenvolverei como trabalho de conclusão a temática do teatro terapêutico como instrumento educativo de prevenção ao uso abusivo de álcool e outras drogas no contexto universitário.

jovens, os universitários se destacam porque o uso entre eles é maior do que entre a população em geral e estudantes de nível fundamental e intermediário, representando um problema de saúde pública (KERR CORREA et al., 2006). Segundo Dimeff (2002), além das conseqüências físicas e sociais, o uso de bebidas alcoólicas entre estudantes universitários está intimamente conectado com o mau desempenho acadêmico. Elia e Andrade (2006) destacam que esse tipo de dados reforça a necessidade do desenvolvimento de ações preventivas de redução de riscos de danos decorrentes do uso do álcool na tentativa de reduzir a vulnerabilidade contemplada entre grupos específicos de alunos, no caso universitários, o que é uma proposta condizente tanto com a Política Nacional de Atenção Integral à Saúde de Adolescentes e Jovens (2004) e com a Política do Ministério da Saúde para Atenção Integral a Usuários de Álcool e Outras Drogas (2003), quanto com a Política Nacional sobre Drogas (2005) e com a Lei Federal Nº. 11.343<sup>7</sup> que entrou em vigor no dia 23 de agosto de 2006<sup>8</sup>, a qual, além de dedicar um capítulo exclusivamente para as atividades de prevenção, também institui a criação de um Sistema Nacional de Políticas Públicas sobre Drogas.

Pillon (2006) reforça que universitários estão requerendo especial atenção quanto a essa situação, necessitando-se de maior investigação científica sobre a problemática do uso abusivo de álcool e outras drogas entre universitários brasileiros, principalmente por esse grupo ser um dos representantes do futuro do desenvolvimento de nossa sociedade.

Assim a proposta de estudar as políticas públicas do álcool entre estudantes universitários, preocupando-se com a idéia que os próprios alunos fazem delas, visa subsidiar diretrizes e estratégias educativas de redução de riscos como forma de enfrentamento das problemáticas decorrentes do uso de bebidas alcoólicas entre esse grupo.

Nesse momento faz-se pertinente justificar porque redução de riscos e redução de danos – RRD<sup>9</sup> em vez de redução de danos: compreendo que quando se fala em danos se entende que já se vivenciou uma (ou mais) conseqüência(s), no presente estudo, derivadas do uso abusivo de bebidas alcoólicas – as estratégias, nesse caso, são voltadas para a diminuição de problemas já existentes – enquanto que reduzir riscos a que,

---

<sup>7</sup>Essa lei institui o Sistema Nacional de Políticas Públicas sobre Drogas - Sisnad; prescreve medidas para prevenção do uso indevido, atenção e reinserção social de usuários e dependentes de drogas; estabelece normas para repressão à produção não autorizada e ao tráfico ilícito de drogas; define crimes e dá outras providências (BRASIL, 2006).

<sup>8</sup>No âmbito do estado do Rio Grande do Sul também encontramos consonância dessa proposta na Política Estadual de Educação Preventiva e Atenção Integral ao Usuário de Drogas.

<sup>9</sup>Optamos por usar essa sigla no decorrer do texto com o intuito de uniformizar as denominações comuns entre redução de riscos e redução de danos.

independente do padrão de consumo, os estudantes universitários acabam ficando expostos para trabalhar com a prevenção dos danos, através de ações pedagógicas na perspectiva da educação desses jovens, reduzindo os riscos de danos do uso abusivo de bebidas alcoólicas. *Prevenir riscos evita danos* (CECCIM et al., 2002, p.199). Para tanto, é necessário conhecer os fatores de risco e proteção<sup>10</sup> já existentes e os possíveis de serem instituídos nos contextos onde os universitários estão inseridos.

Diante da necessidade de estudar e expandir as estratégias de prevenção do uso de bebidas alcoólicas e com o intuito de contribuir para educação de indivíduos para a promoção de uma melhor qualidade de vida, o problema de pesquisa se desenvolve da seguinte maneira:

- Qual a visão dos estudantes universitários em relação ao consumo de bebidas alcoólicas?

- Qual a percepção destes sobre as conseqüências do uso abusivo? Acha possível a construção de estratégias educativas de prevenção, em conjunto com seus educadores?

Com base nisso a questão central da minha dissertação versará:

- Qual a possibilidade de se constituírem ações pedagógicas em relação à redução de riscos do uso de bebidas alcoólicas entre estudantes universitários?

Para tanto, além da revisão teórica e documental, utilizou-se também da técnica do grupo focal, composto por alunos de graduação de diversos cursos da Universidade de Passo Fundo, a fim de que suas percepções pudessem servir de subsídios na tentativa de elucidação da problemática de pesquisa apresentada logo acima. Além do grupo focal, os estudantes responderam a um questionário complementar. Para o tratamento das informações desenvolveu-se posteriormente análise de conteúdo das falas dos sujeitos.

Buscando contemplar aspectos significativos envolvidos no uso e abuso de bebidas alcoólicas entre estudantes universitários, aspectos educativos e políticas públicas e de RRD, este trabalho está organizado em quatro capítulos.

No primeiro capítulo é abordado o fenômeno do uso de bebidas alcoólicas, visando a apresentar características contemporâneas da sociedade globalizada e os reflexos decorrentes desse processo nas relações interpessoais e com as drogas. Nesse ponto,

---

<sup>10</sup> Segundo a Organização Mundial de Saúde fatores de risco são “circunstâncias sociais, familiares ou características de uma pessoa ou grupo em determinado momento que os tornam vulnerável a assumir comportamentos arriscados como o uso de drogas, por exemplo. Enquanto que os fatores de proteção são aqueles que equilibram as vulnerabilidades, reduzindo a chance de usar álcool e outras drogas”. (apud SILVA, 2006, p. 21)

buscou-se fazer um breve resgate da história do uso de bebidas alcoólicas, incluindo diferentes padrões de uso, bem como a influência da indústria cultural<sup>11</sup>.

O segundo capítulo versa sobre questões referentes à juventude universitária, ao alongamento da adolescência e universidade, apresentando algumas pesquisas sobre o uso de álcool e drogas entre esse público em diferentes instituições brasileiras.

No terceiro capítulo são apresentados conteúdos referentes às políticas públicas de bebidas alcoólicas, educação e seus conceitos correlatos presentes no paradigma da RRD – o qual também será apresentado – bem como uma breve exposição dos diferentes modelos e níveis de prevenção de drogas.

Como foi referido anteriormente, o quarto capítulo apresenta a metodologia, análise e discussão das informações obtidas. Por fim, são expostas as conclusões que emergiram ao longo deste estudo.

---

<sup>11</sup> Expressão e discussão apresentadas por Adorno e Horkheimer (1985).

## 1 CONSUMO DE DROGAS: USO DE BEBIDAS ALCOÓLICAS

*“Parece improvável que a humanidade em geral seja algum dia capaz de dispensar os paraísos artificiais, isto é, ... a busca de auto transcendência através das drogas ou... umas férias químicas de si mesmo... A maioria dos homens e mulheres levam vidas tão dolorosas - ou tão monótonas, pobres e limitadas, que a tentação de transcender a si mesmo, ainda que por alguns momentos, é e sempre foi um dos principais apetites da alma” (Aldous Huxley, escritor inglês).*

É comum encontrarmos em livros sobre drogas afirmações que versam sobre a presença delas em suas mais variadas formas em todas as sociedades humanas. Em quaisquer tempos ou localização geográfica as drogas estiveram (e estão) presentes no cotidiano de homens e mulheres. Mas o que podemos entender como droga?

Segundo a Organização mundial de Saúde (OMS) droga “é qualquer substância que, não sendo produzida pelo organismo, tem a propriedade de atuar sobre um ou mais de seus sistemas, produzindo alterações em seu funcionamento”. A mesma substância pode ser usada objetivando produzir efeitos benéficos – como os medicamentos no tratamento de doenças – e em outras situações maléficis para saúde, sendo considerado tóxico ou veneno (OMS apud NICASTRI, 2006, p.27).

Algumas drogas alteram o funcionamento cerebral, modificando o psiquismo através da alteração do estado de consciência. Essas substâncias são conhecidas como drogas psicoativas. Historicamente, essas substâncias foram – e são – utilizadas nos mais diversos contextos: religioso, medicinal, entre outros, simplesmente fazendo parte da alegria de viver, um dos objetivos da humanidade (TOSCANO, 2000).

Dentre as substâncias psicoativas estão as bebidas alcoólicas. Por ser uma droga lícita e de fácil acesso, estudos do Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas

Psicotrópicas (CEBRID, ente outros estudos) demonstram que no Brasil o álcool é, de longe, a droga mais consumida.

Muitas vezes o uso de bebidas alcoólicas implica em riscos de danos físicos e sociais não só para os usuários como também para toda sociedade. Com isso, essas bebidas são as drogas que mais matam direta ou indiretamente. Mesmo sabendo de tal fato, muitas pessoas fazem uso do álcool de maneira abusiva e, conseqüentemente, muito arriscada.

A consciência das conseqüências prejudiciais do uso das bebidas alcoólicas faz com que muitas vezes sejam criticadas e repudiadas. Porém, por mais persistente que seja a guerra contra as drogas, em variadas circunstâncias e meios seu consumo é valorizado e estimulado explícita ou implicitamente.

Esse valor atribuído às bebidas alcoólicas é mantido, entre outros motivos, pela “necessidade” que os sujeitos sentem de alterar seu estado de consciência, a fim de aliviar as tensões decorrentes do reflexo do funcionamento do capitalismo nas relações interpessoais e de consumo.

Diante disso, torna-se imprescindível refletir sobre as relações da contemporaneidade e suas conseqüências para que se possa pensar nos possíveis significados interligados ao uso das bebidas alcoólicas. Entretanto, como foi relatado inicialmente, o uso do álcool se faz presente há tempos, não sendo um fenômeno exclusivamente atual. Sua história, assim como a classificação atual dos seus diferentes padrões de uso, também merece atenção dentro da contextualização dessa temática.

Outro aspecto, não menos importante, e presente especialmente nas últimas décadas, é a forma como as indústrias de bebidas alcoólicas utilizam os meios de comunicação de massa para propagarem seus produtos.

A partir dessas considerações, este capítulo apresenta algumas características contemporâneas da sociedade globalizada e os reflexos decorrentes desse processo nas relações interpessoais e com as drogas, recorrendo aos autores Elias, Bauman, Fromm e Birman. Será realizado, neste tópico, um sintético resgate da história do uso de bebidas alcoólicas, incluindo diferentes padrões de uso, bem como a influência da indústria cultural.

## 1.1 Algumas considerações sobre a sociedade contemporânea

Quando se fala em sociedade todos sabem ou imaginam saber seu significado, no entanto, muitas vezes, esse significado ou conceito é equivocado. Dispomos de conceitos popularizados que vêem a sociedade como algo que não possibilita maiores explicações além de uma somatória desestruturada de indivíduos singulares, como se existissem isoladamente. Entretanto, para poder compreender tanto os indivíduos quanto a própria sociedade, é necessário que se pense as relações que existem entre ambos. Devem-se considerar que “cada pessoa singular está realmente presa, vive em dependência funcional de outras, é um elo nas cadeias” que são invisíveis, elásticas, variáveis, mutáveis, mas reais. E é essa “rede de funções” que os indivíduos desempenham uns em relação aos outros “que chamamos de sociedade” (ELIAS, 1994, p.23).

Essa sociedade composta por seres humanos em constante mudança, se relacionando uns com os outros, que Bauman caracteriza como “modernidade líquida”. O autor considera a liquidez ou “a fluidez como a principal metáfora para o estágio presente na era moderna, pois diferente dos sólidos, não mantém sua forma com facilidade” (2001, p.08), não perde tempo, nem se fixa no espaço. Todos estão a todo momento prontos e propensos a mudar de forma, sendo difícil contê-los. Esse mesmo autor ainda coloca que, atualmente, as configurações e os padrões deixaram de ser dados e evidentes, existindo até mesmo choques e contradições entre eles.

Movimentar-se levemente, sem se aferrar a coisas confiáveis por sua solidez, hoje, de acordo com Bauman é “um recurso de poder” (2001, p.14), porém é ausente a oferta de espaços para “reacomodação” e os poucos existentes mostram-se frágeis e com frequência desaparecem antes da conclusão do processo de “reacomodação” (BAUMAN, 2001, p.14). Quanto a isso Zuin complementa: “A velocidade e reposição de conteúdos absorvidos, que exige adaptação não só sensorial como também psicológica, para justificar a necessidade da urgência e do imediatismo. Parece estar sempre prevalecendo a máxima de que não há tempo a perder” (1997, p.118).

Essa máxima referente ao tempo também está ligada ao nexos do dinheiro, lógica que contribui com o “derretimento dos sólidos”, deixando a rede de relações sociais desprotegida e impotente para “resistir as regras de ação e critérios da racionalidade impostos pelos negócios, quanto mais para competir efetivamente com eles” (BAUMAN, 2001, p.10). Com isso, e entre outros elementos, raramente os indivíduos conseguem ser o

que os deixa felizes ou em paz, ou mesmo expressarem seus sentimentos. “Esses aspectos da subjetividade não são importantes para a sociedade capitalista” (QUEIROZ, 2007, p.08). Fromm coloca que para conseguir uma sociedade baseada no “modo ser de existência” – no lugar do modo ter em que vivemos – só é possível mediante a “concretização da democracia industrial e uma política participatória” em que os cidadãos participem ativamente em sua função econômica (1980, p.177).

Atualmente preocupações com o modo de ser de existência parecem secundárias. Birman (2000) contribui, dizendo que nessa versão da atualidade o indivíduo é orientado pela busca desesperada de algo mágico que não possibilite que o sofrimento inerente à existência humana seja reconhecido, isto é, “é pelo consumo massivo de drogas que o sujeito tenta regular os humores e efeitos maiores mal-estar na atualidade. O sujeito busca, pela magia das drogas, se inscrever na rede de relações da sociedade do espetáculo” (BIRMAN, ano, p.249).

O autor ainda complementa essa afirmação, afirmando que o que importa para o sujeito é a sua performance na inserção no espetáculo da cena social. Quanto a isso, Fromm (1967) contribui quando ressalta que o objetivo supremo dos homens nesse tipo de sociedade é ser aprovado pelos demais, e qualquer desvio do suposto padrão, qualquer crítica suscitam muita insegurança, pois seu maior medo é a reprovação. O cotidiano de homens e mulheres está empenhado em lutar “pelos confortos materiais, pelo sucesso no mercado da personalidade” (FROMM, 1990, p.125).

Bauman (2001) traz que, além de viver diariamente com a insegurança da reprovação dos outros, viver com o risco da auto-reprovação e do auto-desprezo não é nada fácil. A dificuldade de enfrentamento desse, assim como de outros elementos que contribuem para o mal-estar na contemporaneidade, faz com que muitos indivíduos vejam nas drogas meios privilegiados de lidarem com isso (BIRMAN, 2000). Assim como Birman, Fromm (1967) também destaca os problemas com as drogas, especialmente o alcoolismo, como um sintoma emocional da sociedade contemporânea.

Nessa altura cabe perguntar: o uso de bebidas alcoólicas e de outras drogas é um fenômeno atual? Para responder a essa questão, recorre-se a um breve resgate histórico.

## 1.2 Breve história do uso de bebidas alcoólicas

A história das drogas e das bebidas alcoólicas reporta a um âmbito pouco estudado nas sociedades humanas: o da vida e cultura materiais, o que o homem come e bebe e os remédios com que se consola, porém essa história coincide com os primórdios da história do homem. As bebidas alcoólicas são merecedoras de uma atenção especial por terem tido uma variada e importante inserção na vida do homem. Sobre isso Toscano contribui, afirmando que:

Quase todas as civilizações de que temos notícia conheceram o álcool (...) trata-se de uma droga consumida em múltiplas circunstâncias e com várias motivações. Seu uso tem ocorrido no tempo e de acordo com as diferenças culturais, podendo variar inclusive dentro de uma mesma cultura, com as atitudes a seu respeito tendo sido a tolerância à reprovação e por vezes até duplo registro (...). O álcool continua sendo o principal símbolo farmacológico de festa, do acontecimento excepcional, sempre presente em reuniões de amigos e grupos, para comemorar-se algo ou simplesmente 'brindar a vida'. (2000, p.08).

Diversas civilizações chegaram a ter deuses que estavam diretamente associados às bebidas alcoólicas, dentre os quais o mais conhecido até hoje é Dioniso ou Baco. Segundo Brandão (1998), Dioniso, o deus do vinho, do êxtase, do entusiasmo e, de um ponto de vista simbólico, o deus da mania e da orgia, configurava a ruptura das repressões, inibições e recalques, graças à liberação provocada pela embriaguez. Esse deus, com essa postura, acabava pondo em risco todo um estilo de vida e universo de valores, pois, além do elemento transformador que tirava o homem do mundo cotidiano, também abolia a distância entre mortais e imortais (ELIAD apud BRANDÃO, 1998).

Assim como na mitologia grega a figura do deus do vinho era polêmica, o uso de bebidas alcoólicas também sempre o foi em muitas religiões. Carneiro (2005) relata que o Cristianismo, apesar de ter no vinho o sangue de Cristo, por muito tempo condenou (e em alguns casos continua condenando) o estado de embriaguez como imoralidade.

O autor ainda coloca que, além dessas questões mitológicas e religiosas ligadas ao álcool, fatores econômicos também são muito importantes: situam a sua dimensão mercantil. As bebidas alcoólicas foram “uma mercadoria-chave na constituição do próprio circuito internacional de trocas que forma o mercado mundial” (CARNEIRO, 2005, p.10).

Todos esses aspectos listados até o momento devem ser considerados, na medida em que as diferentes posturas de tolerância e reprovação do consumo das bebidas alcoólicas, nos mais diferentes acontecimentos, são, em parte, responsáveis pela construção, não só de diferentes abordagens de prevenção e tratamento, como também de conceitos e preconceitos em relação aos sujeitos usuários. Destes podem derivar termos pejorativos, generalizantes e, muitas vezes, também marginalizantes. Para evitar o reducionismo das generalizações em relação às diferentes formas de uso, é necessário que se leve em consideração os diferentes padrões de consumo de bebidas alcoólicas.

### **1.3 Padrões de consumo de bebidas alcoólicas**

Sem correspondentes nas classificações CID-10 (Classificação Internacional de Doenças OMS – ONU) e DSM-IV (Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders), dentre os padrões de consumo de drogas Berlote (1997 apud SCIVOLETEO e DUARTE, 2004) define: 1) uso experimental – primeiros episódios de uso não persistentes ou extremamente infreqüentes; 2) uso recreativo – em circunstâncias relaxantes ou sociais, sem implicações de outros problemas associados; 3) uso controlado – mantimento de um uso regular, não compulsivo e sem interferências no habitual funcionamento do indivíduo; 4) uso social – uso em companhia de outras pessoas e de maneira aceitável socialmente, também usado de forma inespecífica, indicando os padrões anteriormente citados; 5) uso nocivo ou abuso – padrão que expande o risco de conseqüências prejudiciais para o usuário (termo usado no CID-10 como tipo de consumo que resulta em dano mental ou físico; no DSM-IV o termo “abusivo” considera também conseqüências sociais de um uso problemático); 6) dependência - a OMS a define como estado psíquico e, comumente, também físico, decorrente da ingestão de bebidas alcoólicas, caracterizado por respostas de comportamento e outras que incluem sempre uma compulsão para ingestão de álcool de modo contínuo ou periódico, evitando o desconforto de sua falta e gozando de seus efeitos psíquicos.

Desmitificando a tendência popular de que todos os problemas relacionados ao consumo de álcool são decorrentes de pessoas com nível grave de dependência, os maiores números de acidentes de carro (e outras formas de violência) acontecem, na população em

geral, pela intoxicação decorrente do abuso de álcool. A partir disso, estudiosos concluíram que:

“Beber ocasionalmente, mas a ponto de ficar intoxicado é muito comum”. A intoxicação, mesmo quando ocorre com pouca frequência, pode provocar danos sociais e físicos consideráveis. Na verdade, o risco de problemas decorrentes de um único episódio de intoxicação é mais alto entre aqueles que o fazem infreqüentemente do que entre aqueles que bebem com mais frequência (LARANJEIRA; ROMANO, 2004. P. 70).

Percebe-se que, independente do padrão de consumo de álcool, todos apresentam riscos. A todo o momento os meios de comunicação divulgam conseqüências danosas dos diferentes tipos de uso das bebidas alcoólicas. Além disso, se fazem presentes nesses meios, várias mensagens relacionadas ao seu consumo, bem como apelos publicitários de indústrias das bebidas alcoólicas.

#### **1.4 Indústria cultural e bebidas alcoólicas**

Quando se assiste à televisão é muito comum ver pessoas ingerindo bebidas alcoólicas. Não faltam propagandas, novelas e filmes que apresentem pessoas fazendo uso do álcool nas mais diversas formas e situações: comemorações, momentos de tristeza, confraternizações. Tudo é motivo para o uso de bebidas alcoólicas por parte dos personagens que estão na “telinha”. A partir do pensamento de Adorno e Horkheimer (1985), pode-se pensar em algumas repercussões desse elemento, especialmente na programação televisiva. Para isso, é indispensável que seja elucidada a idéia de indústria cultural.

O conjunto dos meios de comunicação – revistas, rádio e cinema – inexistentes antes da virada do século XIX para o século XX, acabaram se constituindo como substitutos do apoio que a religião fornecia antes do seu declínio e sendo batizados por Adorno e Horkheimer de “indústria cultural”<sup>12</sup>. Aqui é possível incluir outros instrumentos

---

<sup>12</sup> Quanto à utilização de leitura do uso de drogas pelo viés do consumo, no que tange ao tratamento da drogadição, a partir da análise de Adorno e Horkheimer (1985), indica-se a leitura de LIMA, S. *A clínica do possível: tratando de dependentes de drogas na periferia de São Paulo*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

de comunicação, com essas mesmas funções e bastante populares nos dias de hoje, como, por exemplo, os televisores (assim como a internet e outros), que eram inexistentes na década de quarenta, quando foi construído o conceito de indústria cultural citado acima.

Os meios de comunicação de massa acabaram por se tornar instrumentos poderosos tanto para gerar lucros quanto para exercer certo tipo de controle social (DUARTE, 2005). Deixaram de se apresentar como arte e passaram a definir a si próprios como indústrias, na medida em que seus lucros suprimem todas as incertezas relacionadas à necessidade social de seus produtos (ADORNO; HORKHEIMER, 1985).

Fromm coloca que, na realidade, muitas vezes “comemos uma fantasia” e “bebemos rótulos” (1967, p.135). Num texto elaborado a partir do pensamento de Fromm, Freire coloca que:

Os apelos midiáticos atingem o inconsciente dos sujeitos, capturam seus desejos e imaginários, seduzindo e oferecendo a promessa de satisfação de suas necessidades e aspirações. Assim as mídias, através de suas propagandas publicitárias, sugestionam, subliminarmente, que basta o homem (...) beber determinada marca de bebida (...) para conseguir sucesso profissional, segurança, poder, prestígio, *status* e mobilidade social (2007, p.09).

Assim, de maneira bastante sutil, a “TV pode criar a ilusão de um mundo que não é o que nossa consciência espontaneamente pode perceber, mas que interessa ao sistema econômico e político no qual se insere a indústria cultural” (DUARTE, 2005, p. 39). Uma demonstração desse truque ilusório são as propagandas de cerveja, nas quais os “bebedores” aparecem numa posição privilegiada; tudo é festa, várias mulheres e homens bonitos, malhados, saudáveis, felizes e financeiramente resolvidos, aparentando o sucesso antes dos trinta anos.

Esses são alguns dos fatores somados às motivações, não simplesmente da ingestão, mas do abuso de bebidas alcoólicas principalmente pelo público jovem – característica geral dos que encontramos nos cursos de graduação nas universidades – os quais supervalorizam as opiniões dos grupos em que estão inseridos, bem como as questões da aparência. Aí ocorre uma inversão dos valores: a valia do uso é absorvida pela da troca, ou seja, no lugar do prazer estético, o que se procura é “estar por dentro”, o desejado é o prestígio e não necessariamente ter uma experiência com o objeto. Porém, atualmente a experiência de um estado de consciência alterado pela ingestão de bebidas alcoólicas é

secundária quando se busca *status* social pelo ato de beber, o que difere de muitos outros momentos da história do uso de bebidas alcoólicas. Assim, a bebida alcoólica é mais um dos “produtos comercializados que escondem totalmente a relação social que lhes deu origem, tornando-se uma mercadoria cultural fetichizada”<sup>13</sup> (DUARTE, 2005, p.45).

Os efeitos das bebidas alcoólicas sobre o comportamento social dependem muito mais da cultura onde estão inseridos do que da química da substância (DIMEFF et al. 2002). A crença no mito dos efeitos das bebidas alcoólicas é alimentada na TV e no cinema através dos personagens bem sucedidos, onde o todo se antepõe implacavelmente aos detalhes como algo desconexo a eles e tudo deve servir de prova e ilustração, ao passo que o próprio personagem de sucesso nada mais é do que a soma desses acontecimentos (ADORNO; HORKHEIMER, 1985).

São inúmeros os filmes, seriados e novelas que apresentam estudantes universitários se entorpecendo e sendo “vitoriosos”, assim como também são inúmeros os que depreciam personagens taxados como bêbados e sem serventia ou valor. O que essas duas situações têm em comum é que sempre hipervalorizam os pormenores do uso e/ou abuso das bebidas sem considerar o todo da trama e observar múltiplos fatores das suas causas e conseqüências. Alguns universitários acabam ficando tão vulneráveis aos apelos da mídia que chegam a gastar mais com bebida do que com livros, tornando-se grande alvo dessa indústria, a qual investe milhões em publicidade dirigida a esse público (DIMEFF et al., 2002).

Enquanto poderiam exercer sua possível função educativa emancipadora e auxiliar na prevenção de muitos danos sociais, a televisão e o cinema impossibilitam seu público a participarem de sua construção. Quanto maior o abismo entre os produtores e os telespectadores, maior o espaço para os detentores do poder econômico e político mostrarem sua superioridade (DUARTE, 2005, p. 58). O efeito disso são consumidores de bebidas alcoólicas acríticos, cujas atitudes favorece o sistema da indústria cultural, que acaba sendo apenas uma parte do sistema e não sua desculpa (ADORNO; HORKHEIMER, 1985).

---

<sup>13</sup> Segundo a definição de Maia (2007), no Dicionário de termos de Marx disponível no site <<http://www.odialetico.hpg.ig.com.br/Iniciantes/diciomarx.htm>>, uma mercadoria fetichizada é aquela que “encobre as características sociais do trabalho empregado para produzi-la, apresentando-as como características materiais e propriedades sociais inerentes aos produtos do trabalho. O fetichismo da mercadoria refere-se a esse fenômeno em que uma relação social definida, estabelecida entre os homens, assume a forma fantasmagórica de uma relação entre coisas”.

Duarte (2005) fala que esse sistema – impessoal e difuso, significando que está para todos e em qualquer lugar – acaba sendo agente da regressão de massas, o que hoje é a falta de capacidade de escutar o inaudito com seus próprios ouvidos. Os telespectadores acabam por banalizar o que vêem e não questionam interesses econômicos dos mais fortes que estão comandando o espetáculo da programação, e continuam consumindo os produtos que sutilmente lhes são impostos.

O encantamento desse espetáculo faz com que os telespectadores se deixem fascinar pelos produtos da moda que a televisão ilustra e, aqui, podemos dizer que o álcool é um deles, o que alimenta sua vontade insaciável de consumi-los, gerando, comumente, uma sensação de ausência de significados existenciais. Essa sensação faz com que muitos se entorpecem para tentar encontrá-los ou esquecê-los, ou por não terem o que o capitalismo vende através da indústria cultural.

Concomitante ao consumo das bebidas alcoólicas, muitos consumidores também são consumidos na medida em que sofrem as conseqüências danosas e acabam por exercer a função de bodes expiatórios que denunciam, através desse sintoma, falha(s) no(s) sistema(s) onde vivem. Com isso, para que se possa pensar em ações pedagógicas que abordem essa temática de maneira eficaz, é essencial conhecer algumas características do grupo universitário: adolescência e seu alongamento; conceito de vulnerabilidade e algumas pesquisas sobre o consumo de bebidas alcoólicas entre estudantes universitários.

## 2 ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS E O CONSUMO DE BEBIDAS ALCOÓLICAS

*“Os jovens são tão jovens  
E fica tudo por isso mesmo  
A juventude é rica, a juventude é pobre  
A juventude sofre e ninguém parece perceber”  
(Aloha- Renato Russo)*

Estudos apontaram que ainda em 1997 já existia no mundo todo um número aproximado de 88, dois milhões de estudantes do ensino superior. Desses, 83,5% encontravam-se entre a Europa, América do Norte e Ásia/Oceania, e apenas 16,5% na América Latina e África (UNESCO apud ROSSATO, 2002).

No ano de 2000 o Brasil contava com 2.694.245 estudantes matriculados em cursos de graduação, sendo 542.435 da região sul do país. (INEP apud SUSANA, 2002). Já no último censo da educação superior realizado em 2005 o número de estudantes de graduação no Brasil subiu para 4.453.156 (INEP, 2007).

Relatos de estudos como os de Pimenta e Anastasiou (2002), apesar de nos apontarem algumas características dos alunos que chegam ao ensino superior quanto a sua postura em sala de aula, ainda carecem de outros elementos que pudessem nos dar um panorama mais geral do perfil desses jovens.

A contribuição de Zabalza (2004) mostra que, nos últimos anos, um dos fatores que tem aumentado a heterogeneidade dos grupos universitários é que indivíduos de diferentes faixas-etárias começam ou voltam a continuar seus estudos, embora grande parte deles continue sendo o público jovem.

Ao levar-se em consideração que boa parte dos universitários vivencia um processo de alongamento da adolescência é importante que se lembre sua definição. É consensual entre estudiosos da temática que a adolescência consiste numa fase transitória entre a infância e a vida adulta, sendo um período impossível de ser delimitado temporalmente. Estão inclusas nessas características da adolescência (e no seu alongamento) a curiosidade pelo desconhecido, o desafio à transgressão e a necessidade de o indivíduo ser aceito em seu grupo, o que faz com que a associação do uso de drogas, sejam elas lícitas ou ilícitas, e adolescência seja um fato claro.

Como foi tratado no capítulo anterior, o consumo de bebidas alcoólicas é um fenômeno bastante complexo. Essa complexidade se intensifica no que tange ao público dos estudantes universitários, quando se considera a afirmação de Dimeff et al. (2002) de que os jovens são o grupo social que mais consome álcool na sociedade, e que os estudantes universitários usam ainda mais bebidas alcoólicas que outros jovens da mesma idade que não estão na faculdade.

Conscientes disso e também das conseqüências do uso abusivo de bebidas alcoólicas, as universidades vêm se preocupando com a problemática das drogas entre seus alunos, desenvolvendo pesquisas e programas de prevenção nesta área.

Este capítulo versará sobre questões referentes à juventude universitária, alongamento da adolescência, conceito de vulnerabilidade, apresentando algumas pesquisas sobre o uso de álcool e drogas entre esse público, em diferentes instituições brasileiras. Também serão brevemente mencionadas algumas instituições que já estão desenvolvendo programas de prevenção.

## **2.1 Alongamento da Adolescência**

O surgimento da categoria adolescência no mundo ocidental é um fenômeno recente. Há pouco mais de um século a adolescência não existia: se passava diretamente da infância para a vida adulta. (GERVAIS, 1994).

Baumkarten define a adolescência “como um período de transição do desenvolvimento humano, entre a infância e a maturidade física, psíquica e social que caracteriza o status adulto” (2006, p.14). O início da adolescência, conforme é dito por muitos autores, dá-se concomitante ao início da puberdade, quando acontecem profundas

transformações fisiológicas e físicas que inquietam o adolescente. Gervais (1994) acrescenta que essas transformações são tanto biológicas como psicológicas, marcando a adolescência como um período de crise, a qual é necessária e saudável, uma vez que, nessa fase, o jovem avalia seus modelos parentais, inconscientemente objetivando encontrar sua identidade própria.

Miermont refere que, nas sociedades ocidentais, comumente a adolescência é considerada “uma etapa do desenvolvimento da personalidade caracterizada pela formação da identidade” (1994, p.48). O autor acrescenta ainda que nesse período se produzem diferentes crises que refletem as transformações internas dos jovens e avatares dos processos inter-relacionais entre ele e sua família.

Como foi comentado na introdução deste capítulo, não há uma definição temporal precisa, que possa ser universal, quanto ao início e término da adolescência. O que se tem presenciado nos últimos anos é o alongamento da adolescência, que faz essa fase da vida humana parecer interminável, pois ganhou anos a mais sobre o mundo infantil e sobre o mundo adulto. Quanto à crise comum da adolescência, este é um período tanto mais difícil quanto mais tempo durar essa fase.

Autores como Morel, Hervé e Fontaine (apud BAUMKARTEN, 2006) apontam que, entre outros fatores, as dificuldades de encontrar emprego e a ausência de uma adequada orientação profissional retardam o acesso à vida adulta. Gervais (1994) contribui com essa afirmação, dizendo que está cada vez mais difícil tornar-se adulto nas sociedades modernas, o que faz com que os jovens permaneçam um período cada vez mais longo no estado incerto de muitas felicidades e tristezas, que é a adolescência.

Viver essa fase em nossa sociedade individualista, que não suporta a dor nem a frustração, é muito difícil. Quando estas aparecem, os jovens sentem-se mal em assumi-las, tornando-se imperativo fazer com que qualquer sintoma de sofrimento suma o mais rápido possível independente do meio. As bebidas alcoólicas e outras drogas aparecem nesse momento como produtos mágicos que podem aliviar a dor física ou moral, melhorando a performance social dos jovens (GERVAIS, 1994).

Gervais (1994) ainda coloca que as motivações para o uso de drogas entre jovens vêm mudando significativamente desde a década de 1960, quando iniciou o movimento Hippie e a drogadição apareceu entre adolescentes. Apesar das drogas permanecerem como um dos reveladores mais pertinentes do mal-estar global na juventude, atualmente parecem ser raros os casos em que o uso de drogas vem explicitamente para afirmar ideologias contraculturais como acontecia em décadas passadas. Atualmente, o uso e/ou abuso de

drogas está revestido de inúmeros outros significados oriundos da estruturação das relações de nossa sociedade.

Como se percebe, a adolescência é uma fase muito complexa do desenvolvimento humano. Vivenciar essa fase junto a novas experiências inerentes ao contexto universitário, muitas vezes, pode ser um elemento que vem a somar no quadro de vulnerabilidade desses jovens quanto ao uso abusivo de bebidas alcoólicas. Segundo Luz e Silva (1999) o conceito de vulnerabilidade auxilia no movimento de reconhecimento da diversidade dos seres humanos e na visualização da necessidade de reconhecimento da diversidade própria na adolescência (e o seu alongamento) questionando não somente quem são esses jovens, mas também qual o contexto em que estão inseridos, como vivem nele e quais são suas opiniões; isto é, perguntas a respeito desses sujeitos que contemplem os aspectos sociais, político-institucionais e pessoais presentes na noção do conceito de vulnerabilidade.

## **2.2 Conceito de vulnerabilidade**

O conceito de vulnerabilidade origina-se na advocacia internacional, mais especificamente nos Direitos Universais do Homem. Nas últimas duas décadas, vem sendo usado na área da saúde como conceito chave nos estudos e intervenções, em especial, do HIV/AIDS (BELLENZANI, 2005). Ayres complementa dizendo que a noção de vulnerabilidade “busca estabelecer uma síntese conceitual e prática das dimensões sociais, político-institucionais e comportamentais, associadas às diferentes suscetibilidades de indivíduos, grupos populacionais e até mesmo nações” (apud LUZ e SILVA, 1999).

Nesse sentido a noção ou o conceito de vulnerabilidade propõe expandir o campo das reflexões para além do comportamento individual. Passa-se a considerar, então, o produto da interação de múltiplos fatores sociais, econômicos e psicológicos (SODELLI, 2006). Se forem consideradas as mudanças de todos esses fatores, pelas quais os jovens passam ao ingressarem na universidade, fica fácil compreender porque podemos dizer que estão vulneráveis ao uso abusivo do álcool e aos seus danos.

Soldelli (2006) continua sua contribuição, dizendo que as pessoas (ou os grupos) não são vulneráveis, como se a vulnerabilidade fosse algo inerente a elas ou suas essências. Pessoas e/ou grupos estão sempre vulneráveis a algo em alguma proporção, em determinadas condições e circunstâncias que podem ser revertidas ou minimizadas. Esse

mesmo autor ainda revela que, considerando a vulnerabilidade, um dos sentidos da prevenção seria a tentativa concreta de efetivar a contribuição para o cuidar de si próprio e da sociedade.

No que tange às ações de redução de vulnerabilidade no ambiente universitário, pode-se nos reportar às idéias de Ayres (1996), quando ele coloca que vê as instituições de ensino como espaço estratégico para interferir na situação do uso abusivo de drogas, e que o plano da vulnerabilidade institucional é entrada privilegiada para o enfrentamento dessa problemática.

O conceito de vulnerabilidade permite, ainda, explorar suas intersecções com a educação apontando novos horizontes, novas leituras de como articular e situar os riscos, considerando o mundo dos sujeitos em relação (AYRES et al., 2006). Para tanto, é necessário que conhecer a realidade dos estudantes universitários quanto ao consumo de bebidas alcoólicas.

### **2.3 Bebidas alcoólicas entre estudantes universitários**

O uso de bebidas alcoólicas não consiste num fato simples, e a complexidade desse fenômeno é ainda maior quando se fala em jovens que vivem o alongamento da sua adolescência, como é o caso dos estudantes universitários.

Os fatores de risco crescem muito diante de algumas características próprias dessa população – como por exemplo o fato de sair de casa pela primeira vez, morar em repúblicas e o elevado número de festas, nas quais a influência dos colegas é bastante significativa – pois o álcool, além ser um “lubrificante” social, é um ritual de passagem para os universitários. Acadêmicos bebem mais que outros jovens da mesma idade que não estão na universidade. A indústria de bebidas sabe da especificidade desse público e investe em comerciais voltados a eles, fazendo com que estudantes cheguem a gastar mais com bebidas do que com livros (DIMEFF et al., 2002).

Uma pesquisa intitulada “I Levantamento do uso de álcool, drogas e condições de saúde dos alunos de graduação da UNESP”, realizada com mais de onze mil alunos em 1998, aponta, entre outros dados, que: 74,4% dos alunos tinham consumido bebidas alcoólicas no mês em que foram entrevistados, e entres esses 30% bebiam regularmente, mais de uma vez por semana; a proporção de estudantes da área de Humanidades (70,6%)

que usam álcool é menor que os da área das Exatas (75,2%), que, por sua vez, é menor que os da área da Biologia (78,3%), tanto na vida, como no ano e no último mês; destacando que na área de Humanidades cerca de 69,8% dos estudantes eram do sexo feminino. Ao contrário de relatos de pesquisas internacionais, no Brasil os estudantes parecem beber mais a cada ano que passa, alcançando 35% no último ano de graduação; ao passo que 26,8% dos calouros bebem e 9% relatam ser abstinentes; já dos finalistas em abstinência são apenas 5% (UNESP)<sup>14</sup>.

A investigação “Álcool e Drogas: Segunda pesquisa sobre atitudes e uso entre alunos de universidade pública no Município de São Paulo”, realizada em 2001, traz algumas informações diferenciadas em relação à pesquisa da UNESP, entre elas: alunos com renda familiar superior a 40 salários mínimos mensais demonstraram uso mais freqüente de bebidas alcoólicas (92,2%) do que alunos com renda familiar inferior; outro grupo que apresentou maiores riscos para o uso de drogas foi o dos estudantes que não praticavam ou possuíam alguma religião; informação também, bastante pertinente levantada nessa pesquisa foi sobre a relação entre uso de bebidas alcoólicas e falta às aulas, considerando que apenas 34,9% usuários assistiam às aulas assiduamente, ao passo que 44,8% dos não usuários também compareciam às aulas (Observatório Brasileiro de Informações sobre Drogas – OBID). Outra peculiaridade dos estudantes universitários é o chamado “beber se embriagando”, ou seja, chegando à intoxicação, o que aumenta os riscos de conseqüências indesejadas (KERR-CORRÊA et al., 2006).

Apesar de se ter conseguido localizar nas universidades brasileiras pesquisas sobre o uso de drogas e álcool entre universitários em várias regiões do país, o mesmo não se pode dizer sobre programas de prevenção específicos para seus alunos. Até o início do mês de julho de 2007, as atividades encontradas especialmente dirigidas ao público universitário estavam localizadas somente em universidades paulistas: Universidade Estadual Paulista (UNESP), Universidade de São Paulo (USP), Universidade de Campinas (Unicamp) e Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).

No dia 05 de julho de 2007, a Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS), em parceria com a Fundação Thiago de Moraes Gonzaga<sup>15</sup>, inaugurou um

---

<sup>14</sup> Dados do “I Levantamento do uso de álcool e drogas por estudantes universitários e colegiais da UNESP 1998”.

<sup>15</sup> Organização não-governamental criada no ano de 1996 pelos pais do jovem Thiago, que faleceu num acidente de trânsito, quando retornava de uma festa de carona com um motorista alcoolizado. As diversas ações desenvolvidas pela fundação popularizam campanhas de redução de danos do álcool no estado do Rio Grande do Sul. Detalhes sobre essas ações e sobre a fundação podem ser encontrados no site [www.vidaurgente.com.br](http://www.vidaurgente.com.br).

“Núcleo Vida Urgente” dentro do campus. O núcleo prevê a realização de atividades de capacitação de estudantes, professores e funcionários, objetivando desenvolver ações de educação e conscientização que visem a diminuição de acidentes de trânsito, especialmente os que envolvam bebidas alcoólicas entre jovens.

Para poder se pensar em atividades que reduzam os riscos do uso das bebidas alcoólicas é fundamental que se examine políticas públicas referentes a essa temática, seus aspectos e abordagens educacionais, bem como diferentes modelos e níveis de prevenção.

### **3 POLÍTICAS PÚBLICAS E REDUÇÃO DE RISCOS E DANOS (RRD) AO USO ABUSIVO DE BEBIDAS ALCOÓLICAS**

*A esperança é que, distantes da pantomina do poder, os sonhos não tenham morrido. Como na estória da Bela Adormecida, eles dormem, mais profundos que pesadelos do cotidiano. E um dia acordarão. E o povo, possuído pela sua beleza esquecida, se transformará em guerreiro e se dedicará à única tarefa que vale a pena, que é a de transformar os sonhos em realidade. Essa é a única política que me fascina. (ALVES, 2002, p. 51).*

Diante dos fatos do uso abusivo de bebidas alcoólicas e seus conseqüentes riscos e danos torna-se imprescindível que sejam desenvolvidas políticas que englobem essa problemática. Durante muito tempo o Brasil foi criticado por carecer de estudos e pesquisas sobre drogas (ilícitas e lícitas) que pudessem fundamentar políticas na área (BUCHER, 1992). Porém, em especial na última década, o país vem construindo conquistas significativas em várias instâncias, entre as quais se destacam: legislação, criação de centros de pesquisa, prevenção, tratamento bem como, concomitante a esse processo, a concepção de uma nova maneira de fazer política, abrindo espaço para participação da sociedade seja na sua elaboração (através da explicitação de suas demandas), seja na fiscalização e avaliação destas.

Em relação a isso Holpin (apud Franco 2003) define políticas públicas como políticas pelas quais o Estado é o responsável quanto a sua implementação e manutenção, instituídas a partir de um processo de tomada de decisões envolvendo órgãos públicos e distintos organismos e agentes da sociedade relacionados à política formulada. Shiroma (2004) percebe que as políticas públicas acabam anunciando-se numa correlação de forças – já que emanam do Estado – e nesse confronto são abertas possibilidades de

implementação de sua face social, onde exista um equilíbrio instável de empenhos, compromissos e responsabilidades.

Examinando as informações disponíveis no Observatório Brasileiro de Informações sobre Drogas<sup>16</sup> podemos constatar que são vários os órgãos e instituições internacionais e nacionais que estabelecem políticas públicas e fundamentam diretrizes, apóiam pesquisas e intervenções educacionais para a prevenção do uso/ abuso de drogas.

No Brasil a Secretaria Nacional Antidrogas (SENAD) foi criada no ano de 1998, em decorrência da XX Assembléia Geral Especial das Nações Unidas. Ainda nesse ano foi realizado o I Fórum Nacional Antidrogas para a elaboração da Política Nacional Antidrogas (DUARTE; BRANCO, 2006). Desde a criação da secretaria o país tem sediado vários eventos científicos e/ou políticos relacionados à prevenção e ao tratamento da drogadição. Com isso o Brasil tem sido palco de importantes encontros de discussão sobre essa temática. No que tange à documentação direcionada a drogas encontramos um vasto referencial, porém até pouco tempo atrás eram escassos os documentos voltados especificamente para o uso de bebidas alcoólicas e suas respectivas políticas.

Apesar de o Brasil ter sediado em Brasília, no ano de 2005, a Primeira Conferência Pan-Americana de Políticas Públicas sobre Álcool<sup>17</sup>, o documento resultante dessa discussão é um tanto limitado, motivo pelo qual, neste capítulo, um dos referenciais a serem utilizados consiste no “relatório” de um encontro de especialistas na área chamado de Consenso Brasileiro de Políticas Públicas do Álcool acrescido de alguns itens apresentados na Política Nacional sobre o Álcool, aprovada em junho deste ano. Neste capítulo também serão abordados alguns aspectos da educação e seus conceitos correlatos – pedagogia, emancipação, autonomia e liberdade – presentes no paradigma da RRD (o qual também será apresentado), bem como uma breve exposição dos diferentes modelos e níveis de prevenção de drogas.

---

<sup>16</sup> Entidade ligada à Secretaria Nacional Antidrogas que pode ser consultada através do site: <http://obid.senad.gov.br/OBID/Portal/index.jsp?iIdPessoaJuridica=1>

<sup>17</sup> No material encontrado sobre esta existem muito mais constatações acerca da problemática referente ao álcool do que uma discussão sobre políticas.

### 3.1 Políticas públicas e a problemática do consumo de álcool

Mesmo com mais de um século de experimentações políticas públicas do álcool, quando se reporta a elas, é comum que sejam lembradas as políticas de proibição total que aconteceram em alguns países como, por exemplo, no continente americano, nos Estados Unidos, na primeira metade do século passado. Pensar dessa maneira implica menosprezar muitas outras políticas que incrementaram e respeitaram o direito de beber com moderação.

No ano de 2004 realizou-se no Brasil uma reunião de vários especialistas, representantes de instituições de saúde e universidades brasileiras, os quais chegaram a um consenso sobre as principais políticas a serem efetuadas nos mais diferentes níveis de governo do país. A partir desse encontro foi feito um relatório organizado por Laranjeira<sup>18</sup> e Romano o qual, como já foi referido anteriormente, terá destaque especial neste capítulo. A Organização Mundial de Saúde (OMS) vem desenvolvendo pesquisas há mais de três décadas, buscando um consenso global sobre as políticas públicas em relação ao álcool com maior potencial de trazer benefícios sociais. Em consequência dessa busca surgiram duas conclusões importantes: comprovadamente, existem medidas eficazes para diminuição de despesas com tratamento e prevenção bem como a diminuição de consequências do abuso álcool; é viável o desenvolvimento de estratégias que influenciam a quantidade de álcool consumida por um público específico como, também, os comportamentos e contextos de alto risco que causam problemas relacionados ao consumo de álcool.

O evento do qual resultou o documento Consenso Brasileiro sobre Políticas Públicas do Álcool foi realizado com o intuito de fornecer subsídios científicos indispensáveis para sustentação de medidas possíveis, já que atualmente o nível das pesquisas já pode apontar quais são eficazes e quais não o são para as políticas públicas do álcool no país, sem desperdiçar o dinheiro público<sup>19</sup>. Com isso ficam evidentes que os principais objetivos do Consenso foram: viabilizar o acesso das evidências científicas aos responsáveis pelas políticas públicas; auxiliar na análise das diversas estratégias

---

<sup>18</sup> Esses dois autores, membros da Associação Brasileira de Estudos do Álcool e outras Drogas (ABEAD), têm artigos criticando a redução de danos. Consciente do posicionamento desses autores, sua produção é utilizada aqui com o intuito de demonstrar possíveis divergências entre os discursos das políticas discutidas nesse encontro e referenciais sobre educação e prevenção na abordagem de RRD.

<sup>19</sup> Obviamente, considerara-se dentro dessa afirmação que entre pesquisadores existem diferentes posturas metodológicas, o que faz com que tenham diferentes opiniões em relação à eficácia ou não das intervenções.

disponíveis segundo suporte científico, viabilidade de transposição cultural, custo e efetividade; e popularizar entre os profissionais as prioridades da política do álcool (LARANJEIRA E ROMANO, 2004).

É necessário que as políticas públicas levem em consideração a complexidade do fenômeno de uso e abuso de bebidas alcoólicas para que correspondam à compreensão de que, em hipótese alguma, o álcool é um produto qualquer. Ao longo da história da humanidade foram sendo atribuídos os mais diversos significados culturais e simbólicos ao ato de beber. Assim, o que fica evidente como valor do ponto de vista da saúde pública nas políticas públicas do álcool é a competência em identificar grupos, fatores de risco e proteção, bem como propor intervenções adequadas para auxiliar o maior número de cidadãos possível. Para tais intervenções, as políticas do álcool, levando em consideração seu propósito e natureza, podem ser divididas, como sugerem Laranjeira e Romano (2004), em duas categorias: as de alocação e as de regulação.

Exemplos de política de alocação que visam a reduzir os danos causados pelo álcool: a oferta de tratamento aos dependentes do álcool em instituições públicas e o financiamento de treinamentos de atendentes e garçons para servirem bebidas com responsabilidade e para saber manejar agressividade e outras alterações de comportamento de risco dos clientes (o que também se faz presente nas diretrizes da Política Nacional sobre o Álcool) (LARANJEIRA e ROMANO, 2004).

Alguns exemplos de intervenções e estratégias das políticas de regulação do álcool: preço e taxação das bebidas alcoólicas; disponibilidade física dos pontos de venda; regulamentação dos pontos de venda; dias e horas de venda; restrições à compra e à venda de álcool: idade mínima, proibição de venda a pessoa já embriagada; limite individual de compra e controle sobre quem está habilitado a vender bebidas alcoólicas; controle do teor alcoólico; promoção de atividades e eventos sem álcool; sistemas de licenças para as vendas; regulação das promoções do álcool – CONAR (Conselho Nacional de Auto-regulamentação Publicitário) e, na Política Nacional sobre o Álcool, a regulamentação da publicidade e propaganda conta também com a contribuição da Agência Nacional de Vigilância Sanitária - ANVISA. Entre outras intervenções regulatórias dessa política encontramos a proposta “de intensificar a fiscalização e incentivar a aplicação de medidas proibitivas sobre venda e consumo de bebidas alcoólicas nos *campus* universitários”. (LARANJEIRA e ROMANO, 2004; BRASIL, 2007).

As estratégias educacionais e de persuasão de políticas públicas do álcool se diferem das outras abordagens citadas anteriormente por seu custo – efetividade serem

desvantajosos em relação às demais. Assim como ocorre em qualquer outra área, nesta também há dificuldade de visualizar quantitativamente resultados de uma intervenção preventiva através da educação. Oliveira (2001) já alertava que poderiam existir sujeitos que precipitadamente argumentassem a falta de condições econômicas para propostas educacionais em relação às drogas e que residiria aí o fato de sua eficácia pragmática ser, muitas vezes, em longo prazo. Laranjeira e Romano (2004) destacam que, dentre os objetivos educativos mais comuns, encontram-se: difusão de conhecimentos sobre bebidas alcoólicas e os riscos relacionados ao seu uso e abuso; mudança de comportamentos e atitudes relacionadas ao beber, visando a redução dos riscos envolvidos e à obtenção de mais recursos de apoio às políticas do álcool. Tanto as iniciativas de mídia (meios de comunicação de massa e contra propaganda, mensagens de advertência nos rótulos, por exemplo) quanto os programas baseados nas escolas exigem um investimento bastante alto, pois demandam constante comprometimento e atualização dos profissionais envolvidos. Não se tem como pensar numa abordagem de educação em relação às drogas (bebidas alcoólicas) dentro de um processo que não seja ininterrupto e com a ausência de uma educação contínua dos profissionais envolvidos.

A contra propaganda tem um forte apelo popular, porém enfrenta uma batalha injusta com as propagandas da indústria do álcool; não possui os mesmos recursos, sua frequência nos meios de comunicação de massa é muito menor e a sedução de sua produção é incomparável.

Os especialistas presentes no Consenso foram unânimes em recomendar o uso de abordagens escolares/ educativas como parte integrante de uma gama de políticas de alocação e regulação, acreditando que essas abordagens podem contribuir na sustentação de outras medidas, bem como fornecer necessárias mudanças ambientais para a efetividade das abordagens baseadas na escola. (LARANJEIRA; ROMANO, 2004). A compreensão dessa afirmação fica mais plausível quando se reporta ao significado de educação e a alguns de seus conceitos correlatos como, por exemplo, o próprio conceito de pedagogia.

### **3.2 Possibilidades de ações educativas na RRD**

É comum que educadores, professores de todos os níveis de ensino do país, considerem e dêem início às suas produções, falas, explicitando seu entendimento de que o

conceito de educação é bastante abrangente, sem esclarecer o significado deste e, freqüentemente, usando expressões como, por exemplo, pedagogia, que não é um sinônimo, mas pode ser um conceito equivalente pela proximidade que ambos têm neste determinado campo do conhecimento (LONGHI, 2003). As discussões sobre educação, ciências da educação versus pedagogia e os papéis dos profissionais nelas envolvidos vêm merecendo atenção especial de vários pesquisadores, entre os quais se destacam os estudos de Marques (2006), Libâneo (2003, 1999), Pimenta (2002, 1996) e Mazzotti (2002).

Já na introdução de sua produção intitulada “Educação no programa de redução de danos: alienação ou práxis educativa”, Paes e Oliveira (2006) mencionam que são extremamente escassas as pesquisas sobre drogas na área da educação. Com isso, é necessário fazer uma justaposição entre as discussões sobre educação e o que se pode pensar sobre a educação em relação às drogas – o que inclui o uso de drogas lícitas como as bebidas alcoólicas.

Como fenômeno humano a educação constitui-se na prática social, sendo através dela que os indivíduos se tornam membros da humanidade (LONGHI, 2003), e, nesse sentido, Brandão (1981) lembra que não há como escapar da educação. Em todos os lugares, de uma forma ou de muitas, todos envolvem pedaços da vida com educação; seja para fazer, saber, ser ou conviver, em todos os momentos misturam-se vida com educação. Sendo o campo da educação infinitamente vasto, não é possível reduzi-lo ao ensino, tem-se que reconhecer que há uma diversidade de práticas educativas em muitos lugares e, também, variadas modalidades (PIMENTA, 2002). O mesmo acontece com a educação em relação às drogas: de modo indireto ou direto, estas se encontram na família, na rua, no trabalho, nos meios de comunicação e, claro, também na escola.

De acordo com Longhi (2003), para que a educação alcance seu grande intento de construir uma vida humana melhor, ela precisa ser pensada de maneira científica, organicamente estruturada e conduzida de forma prática. E é justamente essa a função da pedagogia. Com isso justificasse a finalidade desse trabalho ser a de subsidiar a teoria e a prática da construção/adaptação de ações pedagógicas que dêem conta de minimizar as conseqüências prejudiciais do uso de bebidas alcoólicas entre estudantes universitários.

Uma atitude pedagógica em relação às drogas poderá se dar no sentido de conscientização do sujeito, promovendo sua autonomia através da reflexão do seu modo de ser/estar e de seus problemas, bem como oportunizando a liberdade de escolher o que for melhor e não o aprisionamento no uso ou abuso da droga (OLIVEIRA, 2001).

Compreende-se melhor essa afirmação relacionando-a aos conceitos de como o de maioria e conscientização.

### **3.2.1 Educação, maioria e conscientização**

A educação é um instrumento decisivo para o processo de maioria (HEYDORN apud HOYER, 2005). Mas afinal, de que maioria está se falando? Apesar de ser comum ouvir o conceito de maioria dentro da área jurídica, ela é considerada aqui como o processo que tem em vista a qualificação da pessoa no sentido de agir autômata e autoconscientemente como membro pleno do conjunto social (FLICKINGER, 2005, p. 58). Hoyer (2005) aponta que, numa educação democrática que objetiva levar seus jovens à maioria, devem estar interconectadas a competência de auto-determinação e participação, a capacidade crítica e a capacidade de empreender atividades individuais e sócio-políticas, concomitante à competência de agir social e solidariamente, ou seja, a habilidade de agir em grupos.

Adorno (apud MAAR, 2005) destaca que Kant determinou a maioria ou emancipação como uma categoria dinâmica, que está em constante construção. Quando os conceitos de maioria e emancipação são postos juntos, como Kant o fez, vale lembrar que Adorno diz que, “de certo modo, emancipação significa o mesmo que conscientização” (1995, p.143). Quanto a esse conceito, Freire coloca que “conscientização implica ultrapassar A esfera espontânea de apreensão da realidade, para chegarmos a uma esfera crítica” (1979, p. 26), ou seja, “é mais que uma simples tomada de consciência, ela supera a falsa consciência”, possibilitando uma “melhor inserção crítica da pessoa conscientizada numa realidade desmistificada” (FREIRE, 1979, p.90). Sendo assim, a conscientização pode contribuir com O processo para se atingir o principal objetivo da teoria crítica apontado por Bauman (2001): defender a autonomia, a liberdade de escolha e auto-afirmação humanas do direito de ser e permanecer diferente (autêntico).

Quando se fala em liberdade é fácil relacioná-la à filosofia, pois essa temática tem sido problema filosófico de primeiro plano há muito tempo. Como corrobora Arendt, “a liberdade sempre foi conhecida, não como problema, mas como um fato da vida cotidiana” (1992, p.191), também no âmbito político. Por outro lado, Freire (2005) lembra que uma educação como prática de liberdade deve ter como essência o diálogo, o que está de acordo

com o paradigma da RRD que virá mais adiante. Através do diálogo, Tholle aponta que poderiam ser repassadas às novas gerações a responsabilidade de assumirem, de modo autônomo, o equilibrar dos riscos que perpassam as fases do desenvolvimento humano (2005, p.383).

Quanto à autonomia, Acselard (apud RIGONI e NARDI, 2005) aponta que, entre as estratégias pedagógicas que conduzem a uma educação para a autonomia, é encontrada a abordagem de RRD. Como se verá logo a seguir, além de englobar o aspecto da educação para a maioria, o paradigma da RRD também congloera os conceitos de emancipação, liberdade e cidadania.

### **3.3 Redução de Riscos e Danos – RRD**

A RRD tem seu discurso focado no modelo de resgate da cidadania e da inserção social dos usuários de drogas pelo incentivo da melhoria de sua qualidade de vida com o objetivo de minimizar as conseqüências danosas do consumo de drogas, enfatizando a prevenção e agregando os próprios interessados e a comunidade no planejamento e execução das ações, indicando para redução das conseqüências nocivas do uso, sem impor a abstinência total como único fim, do modo como acontece no modelo tradicional (BAUMKARTEN, 2006).

Dois argumentos justificam e legitimam uma política de RRD segundo Carlini-Cotrim (1999): a impossibilidade de construção de uma sociedade sem drogas e o fato de que a guerra às drogas contradiz princípios da ética e dos direitos civis como, por exemplo, o direito de modificar o estado de consciência.

O trabalho com abordagem em RRD é apoiado no exercício da cidadania do usuário, ou seja, prioritariamente este deve ser reconhecido pela sua condição de cidadão, portador de direitos, o qual é anterior a sua condição de usuário. A abstinência não é imposta, o que deve ser afirmado é a importância da avaliação dos riscos que são, indubitavelmente, reais (RIGONI e NARDI, 2005).

As primeiras estratégias de RRD foram sistematizadas na década de oitenta, a partir da iniciativa de uma associação de usuários de drogas, na Holanda, preocupados com altos índices de transmissão de hepatite B e, posteriormente, de AIDS. O primeiro método preventivo utilizado foi a troca de seringas de usuários de drogas injetáveis. Essa estratégia

se propagou em outros países europeus sem muita resistência, diferentemente do que aconteceu nos Estados Unidos, onde o modelo tradicional de abstinência é muito forte (MARLATT, 1999).

No Brasil a redução de danos<sup>20</sup> chega no ano de 1989, na cidade de Santos/SP, enquanto que no Rio Grande do Sul é reconhecida apenas em 1995<sup>21</sup> (BASTOS e MESQUITA, 1998). Nos anos seguintes a RRD tem seu reconhecimento e estratégias ampliados através de organizações governamentais e não-governamentais, ganhando respaldo em leis e políticas de vários países e estados). Apesar de ter uma boa aceitação no país ainda, encontra algumas contradições de cunho político filosófico, como, por exemplo, o próprio nome da Secretaria Nacional Antidrogas, criada no governo Fernando Henrique Cardoso (MESQUITA, 2006). O mesmo autor lembra que, dentro do plano político do atual presidente Luís Inácio Lula da Silva, encontra-se a proposta da troca de nome da secretaria para Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas, a qual ainda não ocorreu, apesar de terem acontecido mudanças significativas no realinhamento<sup>22</sup> da Política Nacional Antidrogas, atualmente chamada de Política Nacional sobre Drogas, bem como na Lei Federal Nº 11. 343 de 23 de agosto de 2006.

Bastos e Mesquita (2000) afirmam que, apesar de parecer que a idéia de reduzir riscos e danos decorrentes do uso/abuso de drogas esteja vinculada à problemática contemporânea, o conceito de redução de danos (RD) tem raízes bastante mais antigas do que geralmente se supõe. A abordagem de RRD e o debate de seu conceito têm ganhado forças nas últimas duas décadas, estendendo-se hoje à um diversificado conjunto de propostas e ações sem que exista, mesmo entre os especialistas, um conceito minimamente consensual que vá além de uma definição operacional e aberta, o que nos deixa muito carentes de um conceito mais amplo.

A RRD recomenda não só uma ação sanitária como também uma ação educativa. Além de ampliar estratégias e práticas, respeita liberdades individuais, objetivando

---

<sup>20</sup> A redução de danos se faz presente nas diretrizes da Política Nacional sobre o Álcool encontramos: 4- utilizar a lógica ampliada do conceito de redução de danos como referencial para as ações políticas, educativas, terapêuticas e preventivas relativas ao uso de álcool, em todos os níveis de governo; e 5 - considerar como conceito de redução de danos, para efeitos desta Política, o conjunto estratégico de medidas de saúde públicas voltadas para minimizar os riscos à saúde e à vida, decorrentes do consumo de álcool (BRASIL,2007).

<sup>21</sup> Apesar de termos escutado relatos de trabalhadores da saúde pública do Rio Grande do Sul afirmando que já em 1989 iniciaram suas práticas de redução de danos, a única publicação que encontramos em relação à isto foi esta de Bastos e Mesquita (1995).

<sup>22</sup> O realinhamento dessa política também aconteceu de uma forma interessante: não centralizada, através de fóruns regionais que contavam com a participação da sociedade além dos especialistas e técnicos.

maximizar o aumento da improbabilidade de acontecerem acidentes e incidentes inesperados conseqüentes do uso de drogas (COLLE apud BAUMKARTEN, 2006).

Há mais de três décadas, profissionais da saúde pública e de educação popular de várias regiões do planeta vêm aderindo ao paradigma da RRD. Além de ser uma abordagem humanitária para indivíduos que já sofrem as conseqüências de seus comportamentos e para aqueles que estão em maior risco, pode ser aplicada em toda população. Opta pela saúde e pela responsabilidade pessoal, afirmando que “os indivíduos devem estar envolvidos ‘onde estiverem’ e levados pouco a pouco a níveis mais elevados de cuidado consigo mesmos, de saúde e de bem estar” (LEWIS apud MARLATT, 1999, p.XIII). Por essa postura de privilegiar a saúde e não a punição, países de todo o mundo têm opiniões bastante variadas em relação a essa abordagem, ou seja, países com posicionamento político mais tradicional acabam encontrando barreiras e contradições filosóficas (MARLATT, 1999). Internacionalmente e, em especial, no Brasil as estratégias RRD mais popularmente conhecidas são as dos programas de prevenção de HIV/AIDS que distribuem seringas (para usuários de drogas injetáveis) e preservativos. Em contrapartida, estratégias específicas de redução de danos para os comportamentos aditivos de álcool são mais difundidas como estratégias do senso comum<sup>23</sup>, o que empobrece até mesmo os referenciais científicos sobre essa temática (BRASIL, 2004).

Alan Marlatt, professor e pesquisador da Universidade de Washington, estudou na Holanda numa clínica de tratamento de dependência e problemas com substâncias químicas, o que fez com que se aproximasse da RRD e fosse motivado a sistematizar e publicar seus estudos, tornando sua produção uma consistente referência sobre o assunto. Na sua obra *Redução de Danos: estratégias práticas para lidar com comportamentos de alto risco* (1999) ele aponta os princípios básicos, pressupostos e valores do paradigma da redução de danos, que são:

1) A redução de danos é uma alternativa de saúde pública para os modelos moral/criminal e de doença do uso e dependência de drogas. A compatibilidade de uma abordagem de saúde pública com raízes filosóficas no pragmatismo oferece uma prática alternativa para modelos de doença e da moral. 2) A redução de danos reconhece a abstinência como resultado ideal, mas aceita alternativas que reduzam os danos:

---

<sup>23</sup> Um exemplo disso é que a frase “se beber não dirija” comumente soa como familiar entre as pessoas, mesmo entre aquelas que nunca sequer ouviram falar em RRD.

A mensagem de 'simplesmente diga não' não se aplica mais às pessoas que já disseram 'sim'. Nesses casos a redução de danos oferece respostas para a pergunta seguinte: 'Simplesmente diga: como?'. A redução de danos oferece uma alternativa realista e solidária para as políticas de tolerância zero ou que só aceitam metas de abstinência oriundas do modelo tradicional de doença. (MARLAT 1999 p. 94)

Diferente de outras políticas de tolerância zero, essa rompe com a dicotomia “tudo ou nada”, não sendo contra a abstinência, mas sim incentivando qualquer movimento rumo à diminuição das conseqüências prejudiciais do comportamento do uso/ abuso de drogas; 3) A redução de danos surgiu principalmente como uma abordagem de “baixo para cima”, baseada na defesa do dependente, em vez de uma política “de cima para baixo”, promovida pelos formuladores de políticas de drogas; 4) A redução de danos promove acesso a serviços de baixa exigência como uma alternativa para abordagens tradicionais de alta exigência. Além de abranger um maior número de pessoas, reconhece as informações dessas, formando alianças e parcerias, por meio do diálogo, das discussões e iniciativas de planejamento mútuo, envolvendo a redução do estigma associado aos problemas de dependência de drogas; 5) A redução de danos baseia-se nos princípios do pragmatismo empático versus o idealismo moralista: em meados da década de noventa um adesivo para carros com a escrita “Merda acontece” reflete a abordagem prática, a redução de danos aceita esse fato desagradável como premissa básica.

Comportamentos prejudiciais sempre aconteceram e provavelmente sempre acontecerão. Quando essa premissa é aceita, as metas tornam-se metas do pragmatismo empático: “o que pode ser feito para reduzir o dano e sofrimento tanto para o indivíduo quanto para a sociedade?” O pragmatismo não questiona se o comportamento em questão é errado ou certo, ruim ou bom, saudável ou doentio. Contrastando com o idealismo moralista que visa a produzir uma sociedade sem drogas, o pragmatismo preocupa-se em intervir nas questões cotidianas e das práticas reais, avaliando sua validade por resultados práticos (MARLATT, 1999).

A RRD adota uma perspectiva humanitária baseada na aceitação e na empatia para lidar com o sofrimento humano, criando paralelos e divergências com outras filosofias e escolas de prevenção e terapia. Algumas dessas divergências podem ser visualizadas do trabalho de Wodak:

<b>Redução de riscos e danos (RRD)</b>	<b>Abordagem tradicional</b>
Aceita a inevitabilidade de um dado nível de consumo de drogas na sociedade; define como seu objetivo primário reduzir as conseqüências adversas desse consumo.	Parte do pressuposto de que é possível chegar a uma sociedade sem drogas; define como seu objetivo central a eliminação de qualquer consumo.
Enfatiza a obtenção de metas “sub-ótimas”, em curto e médio prazo.	Enfatiza a obtenção de metas “ótimas”, em longo prazo.
Orientação – visão tradicional da saúde pública.	Orientação – político populista.
Vê os usuários de drogas como membros da sociedade, almeja reintegrá-los à comunidade.	Vê os usuários de drogas como marginais perante a sociedade, apenas aceitáveis, desde que livres das drogas.
Enfatiza a mensuração de resultados no âmbito da saúde, da vida em sociedade e economia, freqüentemente, com metas definidas e determinados objetivos.	Enfatiza a mensuração da quantidade de drogas consumidas.
Enfatiza a efetividade e a relação custo-benefício das intervenções.	Enfatiza a obtenção de uma situação de ausência absoluta de consumo de drogas, independente do preço a ser pago.
Implementa as suas intervenções com envolvimento relevante da população-alvo.	As intervenções são planejadas por autoridades governamentais, possivelmente com contribuições da sociedade de um modo geral.
Enfatiza a importância da cooperação intersetorial entre instituições do âmbito jurídico-político e da saúde.	A predominância das ações jurídico-políticas é absoluta; o envolvimento das instituições de saúde é restrito e aceito de modo relutante.
Proposta adotada amplamente na Europa, Canadá, Austrália, Nova Zelândia e em alguns países em desenvolvimento.	Apoiada fortemente pelos Estados Unidos, Suécia, Japão, Singapura, Malásia e alguns outros países asiáticos.
Enfatiza a prevenção e o tratamento dos usuários de drogas, fazendo com que as atividades de repressão se dirijam basicamente ao tráfico em grande escala.	Enfatiza a eliminação da oferta de drogas, com tolerância zero em relação a todos os usuários de drogas, inclusive àqueles que fazem uso moderado de drogas.

Julga que as atividades educativas referentes às drogas devem ser de natureza factual, ter credibilidade junto à população-alvo, basear-se em pesquisas e traçar objetivos realistas.	As atividades educativas referentes às drogas veiculam uma única mensagem de abstinência: “Diga não às drogas!”.
Inclui drogas lícitas como o álcool e o tabaco.	Privilegia o uso de drogas ilícitas.
Dá preferência à utilização de terminologia neutra, não pejorativa e científica.	Dá preferência à utilização de terminologia veemente e valorativa.

Fonte: Adaptado Wodak apud Baumkartem, 2006, p.88.

**Figura 1 - Diferenças entre Abordagem Tradicional e Redução de Riscos e Danos**

Adotar essa outra postura é uma tarefa complexa. Assim como o restante da população, os profissionais também estão acostumados a ver as coisas simplesmente como boas ou ruins, certas ou erradas de acordo com os valores morais. Apesar de muitas vezes o processo de desconstrução de preconceitos em relação aos usuários e suas opções ser bastante difícil, ele é fundamental para que os profissionais consigam ser bem aceitos pelo grupo (CECCIM et al., 2002). Erwig (2004) sustenta essa afirmação, falando da necessidade de despir-se dos preconceitos e também dos vários engessamentos produzidos na academia.

Refletir sobre esses processos torna-se vital, pois mais do que uma transformação estratégico-instrumental, assumir a postura do paradigma da redução de riscos ou danos implica uma transformação na visão de mundo, na concepção de saúde-doença e da própria existência (LIMA, 2006).

Dentre os procedimentos e estratégias de RRD se encontram a implementação de mudanças nas políticas públicas, – pois essas afetam diretamente a disponibilidade ambiental dos instrumentos de redução de danos – modificação do ambiente e trabalho com indivíduos e grupos onde a educação e o treinamento são essenciais. Marlatt reforça essa idéia, dizendo que “a educação é a chave para a prevenção e para a minimização dos danos relacionados ao uso de drogas” (1999 p. 53).

A RRD para problemas relacionados com o uso abusivo de bebidas alcoólicas ainda desestabiliza muitos estudiosos – e seus respectivos conceitos – de outras abordagens: “a ocorrência de um único caso de beber controlado por um alcoólatra questiona a própria

definição do alcoolismo como doença” (MARLATT, 1999, p.66). Muitos foram, e são, as críticas e os debates sobre as intervenções e pesquisas baseadas no beber moderado, principalmente em países como os Estados Unidos, onde a abordagem tradicional é bastante forte. Porém estudiosos do paradigma da RRD revisaram pesquisas sobre tratamento com consumo controlado e treinamento em moderação com indivíduos dependentes do álcool e chegaram a quatro conclusões importantes: 1) alguns clientes dependentes de álcool optam e atingem metas de moderação mesmo em programas de tratamento tradicionais orientados à abstinência; 2) muitos indivíduos optam pela abstinência enquanto estão sendo treinados para beber moderadamente; 3) oferecer metas opcionais muitas vezes resulta no aumento da retenção ao tratamento e recrutamento de uma faixa mais ampla de consumidores, diminuindo o risco de consumo descontrolado do álcool; e 4) quando sujeitos podem escolher, tendem a optar por metas mais apropriadas para a gravidade de seus problemas, ou seja, os resultados da intervenção (seja ela baseada na abstinência ou na moderação) estão relacionados com características de personalidade, escolha das metas e padrão de consumo (MARLATT, 1999).

Apesar de essas conclusões estarem especificamente voltadas às questões relacionadas ao tratamento com abordagem, elas nos dão idéias dos possíveis resultados da adoção dessa postura em programas preventivo/educativos que podem – e devem – ser desenvolvidos nas instituições de ensino superior, no que tange ao consumo de bebidas alcoólicas que constitui o objeto do presente estudo.

Como se viu até agora, as políticas de RRD enfatizam prioritariamente o aspecto da prevenção de danos. A importância da prevenção é reforçada quando se leva em consideração as diretrizes que regem a construção de uma política de redução de danos das bebidas alcoólicas intersetorial efetiva, citadas no livro *Álcool e redução de danos: uma abordagem inovadora para países em transição* (BRASIL, 2004).

### **3.4 Prevenção**

Ao se falar em prevenção é indispensável que, ao menos, se comente seus diferentes níveis e modelos. A OMS é uma das entidades que enfatizam a necessidade de ações de serviços de cuidados primários. Nessa perspectiva são enfocados os dois primeiros níveis de prevenção, uma vez que a prevenção terciária (ou indicada) atua como tratamento

quando a dependência já está instalada. Dentro da prevenção primária (ou universal) são identificadas as drogas que o grupo usa, características do contexto de consumo, criação de parcerias e redes de trabalho de cuidados primários, bem como a informação e educação para promover a saúde. Na prevenção secundária (ou seletiva) são identificadas as conseqüências imediatas do consumo no usuário, ambiente e formas de uso; no que se infere aos grupos de consumo prejudicial e de alto risco são feitos encaminhamentos, buscando soluções preventivas com relação à instalação da dependência nos casos detectados (SUDBRACK, 2001).

Na história da prevenção, Nowlis (1987) distingue quatro principais estratégias: 1) No plano do modelo jurídico-moral – partindo do ponto em que lá ameaça da sanção, a própria sanção, irá despersuadir a adoção do comportamento reprovado, o que podemos exemplificar com a lei que instituiu multa aos motoristas que dirigem embriagados; 2) No plano do modelo médico ou da saúde pública – exemplos típicos dessa abordagem são as campanhas de luta contra o cigarro e o álcool, nas quais os programas fundamentam-se em informações relativas aos efeitos potencialmente nocivos, partindo do princípio que a informação influi sobre as atitudes e comportamento; 3) No plano do modelo psicossocial – a prevenção baseia-se no fato de que o não-uso e o uso são um comportamento humano, ou seja, variável, determinado por fatores sociais e culturais complexos. A informação é tratada contextualizada aos valores, atitudes e ao modo de vida do indivíduo e/ou do grupo em questão, pois considera que o uso e o não-uso comportamento de caráter mais impulsivo do que racional, sofrendo mais influência dos fatores sociais do que da informação; e 4) No plano do modelo sociocultural – as estratégias de prevenção se firmam, sobretudo, no pensamento de que elementos específicos do contexto deveriam ser adaptados às necessidades dos indivíduos, visto que esse mesmo contexto procede ao comportamento de fazer uso ou não de drogas. De acordo com a autora, do ponto de vista prático, toda intervenção preventiva que não considerar essas quatro abordagens concomitantemente, que insista em apenas um dos focos (droga, indivíduo ou contexto), provavelmente será deficiente e ineficaz.

Para que se possa considerar essas quatro diferentes abordagens concomitantemente, é preciso contar com um procedimento que permita criar inteligibilidade recíproca entre elas. Esse procedimento pode ser o trabalho de tradução proposto por Boaventura de Souza Santos, o qual visa a esclarecer o que une e o que separa os diferentes movimentos e as diferentes práticas de modo a determinar as possibilidades e os limites, a relação e a associação entre eles. Com isso, o trabalho de tradução permite dar

respostas referentes ao que podem aprender diferentes formas de conhecimento (experiências) umas com as outras (SANTOS, 2003, 2004, 2007).

Além das diversas abordagens de prevenção também faz-se necessário o trabalho de tradução nas diferentes racionalidades presentes nos mais variados discursos sobre drogas (RIGONI, 2006). Maurina e Longhi (2007) lembram que, apesar de algumas críticas expressadas aos modelos de abstinência, é imprescindível que sejam pensadas formas de aprendizagem recíproca entre os discursos de RRD e de abstinência.

Considerando o que foi abordado até agora no decorrer desses três capítulos, é possível pensar que seria deficiente uma proposta de trabalho que não levasse em consideração e não tentasse “traduzir” as experiências de seu público-alvo. Desse modo, o próximo capítulo apresenta a metodologia, análise e discussão das informações obtidas com os estudantes universitários.

## 4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DAS INFORMAÇÕES

*Nunca acreditei em verdades únicas. Nem nas minhas, nem nas dos outros. (...) mas descobri que é impossível viver sem uma apaixonada e absoluta identificação com um ponto de vista. (...) no entanto, à medida que o tempo passa, e nós, mudamos, e o mundo se modifica, os alvos variam e o ponto de vista se desloca. (...) para que um ponto de vista seja útil, temos que assumi-lo totalmente e defendê-lo até a morte. Mas, ao mesmo tempo, uma voz interior sussurra: “Não o leve muito a sério. Mantenha-o firmemente, abandone-o sem constrangimento” (BROOK, 1995, p.15).*

Qual a visão de estudantes universitários em relação ao consumo de bebidas alcoólicas, às conseqüências do seu uso abusivo e possibilidades de ações de redução de riscos no ambiente universitário? Uma resposta a essa problemática dada unicamente a partir do ponto de vista da autora desta pesquisa teria muitas limitações e tampouco estaria coerente à proposta de qualquer política pública de redução de risco. Partindo dessas considerações, buscam-se ouvir pontos de vista de alguns sujeitos envolvidos na temática do uso de álcool entre universitários. Este capítulo contempla a metodologia, análise e discussão das informações trazidas pelos acadêmicos; descreve brevemente os sujeitos participantes da pesquisa e os procedimentos adotados no processo investigativo; apresenta as três categorias construídas a partir da análise de conteúdo, suas respectivas subcategorias e discussões das mesmas.

#### 4.1 Sujeitos e métodos

Os sujeitos desta investigação são estudantes de graduação de diversos cursos da UPF<sup>24</sup>, com idades entre dezoito e vinte nove anos; destes seis do sexo masculino e cinco do sexo feminino. Os participantes são provenientes de variados semestres (entre segundo e oitavo) dos cursos de Agronomia, Arquitetura e Urbanismo, Ciências Contábeis, Ciências da Computação, Comunicação Social: Jornalismo, Comunicação Social: Publicidade e Propaganda, Direito, Enfermagem, Engenharia Elétrica, História e Pedagogia<sup>25</sup>. O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UPF, processo nº 247/2006.

O presente estudo de natureza qualitativa utilizou o método do grupo focal proposto por Gatti (2005), sobre o qual Carlini-Cotrim (1996) enfatiza sua potencialidade em pesquisas na área de abuso de drogas, afirmação confirmada na investigação de Luz (2001), que buscou reconhecer limites e possibilidades do papel da educação formal na prevenção ao abuso de drogas, escutando, através da referida técnica, os atores sociais envolvidos nessa problemática.

Com intuito de apreender opiniões, sentimentos e saberes de jovens sobre a realidade vivida no contexto onde estão inseridos, Muza e Costa (2002) realizaram dois grupos focais. Os conteúdos que emergiram desses encontros serviram de subsídios para elaboração de um projeto de promoção à saúde e desenvolvimento de adolescentes. Além de terem permitido a livre expressão dos sujeitos, as sessões de grupo focal tiveram um caráter informativo-educativo, pois os estudantes receberam informações como, por exemplo, da diferença entre a abordagem da abstinência e a abordagem de redução de riscos e danos.

Nesta investigação, visando complementar as informações obtidas através da técnica do grupo focal, os estudantes responderam a um questionário anônimo intitulado “Efeitos abrangentes do álcool (Comprehensive Effects of Alcohol - CEA - anexo 1)” acrescido de uma introdução que buscava identificar com quem moram, se praticam alguma religião e com que frequência, onde e com qual(is) companhia(s) costumam usar bebidas alcoólicas. O questionário foi respondido pelos participantes no final da primeira das três sessões de grupo focal.

---

<sup>24</sup> Foi escolhida por ser uma instituição que abarca 43 cursos de graduação que envolvem o universo das três grandes áreas do conhecimento e contam com 15 896 alunos como indica o Informativo Institucional 04/2007.

<sup>25</sup> Cursos sorteados aleatoriamente.

Os participantes foram abordados nas salas de aulas onde lhes foi feito o convite para participarem da pesquisa. Todos os indivíduos que concordaram em participar da pesquisa assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (anexo 2) conforme Resolução Conselho Nacional de Saúde 196/96.

Além das informações coletadas nas sessões de grupo focal, também foram considerados os conteúdos das entrevistas realizadas com dois coordenadores de curso e um representante do Diretório Central de Estudantes (DCE), nas quais estes apresentaram sua percepção sobre o consumo de bebidas alcoólicas entre estudantes universitários e sobre as possibilidades de ações pedagógicas na universidade.

Com relação às informações oriundas do grupo focal com os estudantes, para a realização do trabalho de análise e interpretação, foram utilizados os passos que Bardin (1977) utiliza no trabalho de análise de conteúdo. Visando tornar o material coletado inteligível, os dados obtidos no questionário complementar respondido pelos graduandos estão apresentados em gráficos<sup>26</sup>; e as falas emergentes das sessões de grupo focal foram agrupadas em categorias (MOROZ, 2002; DESLANDES, 1994). Franco (2005) indica dois caminhos para a elaboração das categorias: 1) categorias criadas *a priori*, preordenadas em função da busca de respostas específicas do investigador e 2) categorias não definidas *a priori*, as quais emergem do discurso dos sujeitos após várias leituras do material de análise e da teoria. A partir de todo esse processo, a análise de conteúdo das informações obtidas na presente pesquisa foram constituídas da seguinte maneira: três grandes categorias construídas *a priori* 1) Motivos subjacentes para o consumo de bebidas alcoólicas, 2) Riscos de danos associados ao uso abusivo e 3) Sugestões de ações concretas no ambiente universitário. Suas respectivas subcategorias foram emergentes, ou seja, constituídas a partir das falas dos sujeitos, não tendo sido definidas *a priori*.

## 4.2 Análise e discussão dos dados

Este item contempla as categorias e subcategorias que optou-se construir a partir da análise das informações trazidas pelos participantes da pesquisa. No decorrer da exposição apresentam-se recortes das falas dos sujeitos, os quais estão identificados por letras

---

<sup>26</sup> Apresentados sem cruzamento, pois eram elementos secundários da pesquisa, só para visualização.

seguidas de números: (F) para o sexo feminino e (M) para o sexo masculino, pois verificamos, além de semelhanças, diferenças de gênero, motivo pelo qual decidiu-se por assinalá-las dessa forma.

Na apresentação de algumas subcategorias optou-se por colocar trechos de músicas<sup>27</sup> como forma de aquecimento e considerando que, na fase da juventude, onde se encontram os participantes dessa investigação, o mundo é de imagens e sons.

Na seqüência serão apresentados os resultados das análises, na tentativa de proceder a interpretação dos motivos que levam os jovens ao consumo de bebidas alcoólicas, dos riscos decorrentes disso e das sugestões de ações pedagógicas emergentes das falas dos sujeitos durante as sessões de grupo focal.

#### **4.2.1 Motivos subjacentes para o consumo de bebidas alcoólicas**

Nessa categoria abordam-se os motivos para o consumo e/ou abuso<sup>28</sup> de bebidas alcoólicas citados pelos estudantes universitários participantes desta pesquisa. Sabe-se que a maioria desses motivos estão interligados, porém optou-se por apresentá-los em cinco subcategorias específicas: família, socialização, influência da mídia, festas e contexto universitário e alívio de tensões inerentes à vida acadêmica.

##### **4.2.1.1 Família**

A família é a primeira instituição por meio da qual os seres humanos recebem educação, o que inclui, mesmo que indiretamente, a educação relacionada ao uso de álcool e outras drogas.

A maneira pela qual os membros da família resolvem seus problemas, ou fazem suas comemorações com a presença ou ausência do consumo de bebidas alcoólicas, serve como modelo para os jovens, modelo tanto para o uso (e uso abusivo) quanto para abstinência, dependendo, entre outros fatores, se as experiências foram positivas ou

---

<sup>27</sup> Que podem ter suas letras encontradas na íntegra no site <http://musica.uol.com.br/letras.jhtm>.

<sup>28</sup> Visto q a pergunta enfatizava o uso e não o abuso do consumo do álcool.

negativas. Considerar essa afirmação é ir além da “tradicional” leitura biologicista feita em grande escala na literatura da área da saúde. O seguinte depoimento retrata essa afirmação:

*“eu não bebo (...) tenho trauma de infância, por causa de meu pai, por isso não bebo e não...” (M3).*

A fala desse sujeito contrapõe com que os estudos de Sher et al. (apud DIMEFF, 2002) trazem quando apresentam a história familiar de alcoolismo como um fator predisponente pessoal que também pode contribuir para o desenvolvimento de problemas associados com o álcool. Dados semelhantes foram encontrados em outras universidades brasileiras como, por exemplo, nas pesquisas de Kerr-Correa (2006), o qual aponta que entre os denominadores e fatores de risco associados ao uso abusivo de bebidas alcoólicas entre universitários ter antecedentes familiares de uso de drogas favorecem o hábito. A investigação de Calaça (2006) corrobora com essas informações mostrando que adolescentes cujos pais bebem ou toleram o uso de álcool também estariam mais inclinados a beber, e aqueles com história familiar positiva de uso disfuncional de álcool ou alcoolismo teriam maior risco de se tornarem dependentes. Já a pesquisa de Bresighello (2005), assim como a presente investigação, também teve o aluno que apontou pai como alcoolista e apresenta-se abstinente.

Outro ponto de destaque sobre a família é o fato de ser ela um dos principais fatores de proteção, pela forma como se relaciona com seus membros, dando-lhes afeto, tornando-se aliviadora de suas tensões, ou mesmo pelo suposto controle que exerce no que se refere ao uso e abuso de álcool e outras drogas:

*“O pessoal vem de fora, mora sozinho, não tem ninguém, não tem pai enchendo o saco, não tem mãe enchendo o saco, fazem festa, a hora que querem, fazem o que querem, isso estimula, não só a bebida mas o excesso sei lá... se sentem mais livres” (M5).*

Morar longe da família parece contribuir com o aumento do uso, enquanto que morar com os pais se apresenta como um fator de proteção contra o uso abusivo de bebidas alcoólicas, isto é, a situação de moradia tanto pode ser um fator de risco quanto de proteção ao uso abusivo (CASSWELL et al. apud CALAÇA, 2006).

Pesquisas como as de Kerr-Correa (1999), Dalla Déa (2006) e Larimer (apud DIMEFF, 2002) corroboram com esse elemento quando também apontam o local de

residência como um fator ambiental que contribui para o risco, destacando que o afastamento da família pode ser um contribuinte para o beber excessivo e que estudantes que vivem com amigos e longe dos pais bebem em quantidades maiores.

Em nosso estudo, a família foi apontada como um fator que contribui para que os jovens tenham chances menores de desenvolverem problemas associados ao uso abusivo de bebidas alcoólicas, seja por terem familiares usuários, com os quais vivenciaram experiências negativas, seja pelo controle externo exercido pela família quando residem com essa. Pensamos que o fato de ter tido experiências negativas com um (ou mais) membro(s) da família e evitar repeti-las, através de comportamentos pessoais ou de colegas, pode ter sido uma das motivações para colaborar com nossa pesquisa.

No que tange à(s) diferença(s) de comportamentos referentes às bebidas alcoólicas e o local de moradia dos jovens, com base na fala dos participantes, ficou explícito que os estudantes que residem sozinhos, ou entre iguais, sentem-se mais livres para beberem; ou seja, quando deixam de ter o controle externo exercido sobre eles pela família, ficam mais propensos a riscos de danos derivados do uso abusivo do álcool. Caberá à universidade discutir isso ou irá se omitir dessa realidade? Mesmo que pareça de “educação familiar”, esse é um assunto que faz parte da função pedagógica da universidade; é seu papel pensar/enfrentar esse problema, oferecendo propostas de RRD aos seus estudantes.

Independente de estarem morando junto ou distantes da família, os seres humanos buscam viver em grupos, se socializar. Nesse sentido, o uso de bebidas alcoólicas como um facilitador social é a próxima subcategoria a ser apresentada.

#### **4.2.1.2 Socialização: álcool como “lubrificante” social**

*“Toma um conhaque só pra esquentar  
Depois calibra na gelada só pra se alegrar  
Durante a noite mistura de tudo  
Onde isso vai parar  
Você precisa de álcool  
Você precisa de álcool  
Você precisa de álcool  
Pra se socializar”  
(Álcool - Expresso blues)*

Sentir-se pertencente a um (ou vários) grupo(s) é, provavelmente, expectativa de todos homens e mulheres mentalmente sadios. As bebidas alcoólicas são consideradas por inúmeras pessoas facilitadoras da comunicação interpessoal, deixando os indivíduos se sentindo mais livres e desinibidos<sup>29</sup> para interagirem. Além disso, o álcool muitas vezes faz parte da cultura do próprio grupo. Em vários grupos de estudantes universitários, ele está presente, e, muitas vezes, seus membros se sentem “obrigados” a usarem bebidas alcoólicas, evitando sentirem-se deslocados ou em desvantagens em relação aos demais. É o que se evidencia pelas seguintes falas:

*“se solta mais, e fazer parte do grupo. (...)solta os freios...” (M4);*

*“eu me considero extrovertida, não tenho dificuldades de me relacionar (...) acho que é uma fraqueza minha e das outras pessoas, da maioria dos jovens, assim, de tu se sentir no agito, bah, todo mundo bebendo e tal daí tu fica, também, tu acaba bebendo, mas não porque tu gosta ou tem vontade, acaba se sentindo coagida, assim (...) parece que o papo fica mais solto<sup>30</sup>, tu fica mais à vontade (...) a própria integração entre os colegas, principalmente com o sexo oposto, fica mais fácil...” (F2);*

*“você vai numa festa, você se encolhe lá, vai ter que beber também pra se soltar, você se sente deslocado (...) se sentir mais firme como os colegas falaram, ah eu to junto com o pessoal...” (F4).*

Em suas investigações, Dalla Déa (2006) encontrou nas falas dos estudantes o efeito desinibidor produzido pelas bebidas, especialmente em situações de convívio social como é o caso das festas. Expectativas de maior sociabilidade, confiança, desinibição social e atratividade física/sexual foram elementos emergentes no discurso dos estudantes universitários estudados por Peuker et al. (2006).

A aprovação diante do grupo é um comportamento reforçador do uso de drogas (MOTTA e CHAKUR apud CALAÇA, 2006). Dimeff dizendo que:

---

<sup>29</sup> Quanto a ficarem desinibidos com a ingestão de bebidas alcoólicas a maioria dos participantes do sexo feminino concordam enquanto que os do sexo masculino discordam como podemos visualizar no gráfico “Sentiria Desinibido” (anexo 3).

<sup>30</sup> Em relação a isso ver gráfico “Seria mais fácil conversar com as pessoas” (anexo 4) no qual parte das mulheres que participaram de nossa pesquisa concordam e acham bom.

Acridita-se que os colegas se “socializam” uns aos outros em termos do beber pela modelagem, imitação ou reforçamento do comportamento de beber. É interessante notar que, além do efeito da socialização, a influência dos colegas parece interagir com um processo de “seleção de colegas”. (2002, p.29).

Quanto a isso, estudos de Kerr-Correa (2006) mostram que o comportamento dos jovens é influenciado pelo grupo com o qual convivem e que há fenômenos sociais envolvidos no “beber” para sentir-se parte do grupo. Em outro estudo, essa mesma autora (KERR-CORREA et al., 2001) relata que os universitários preferem amigos e colegas para beber, o que está de acordo com as respostas do questionário da presente pesquisa.

Além da integração com o grupo, as bebidas alcoólicas também são percebidas como facilitadoras do relacionamento com o sexo oposto:

*“você está sozinho naquela festa, daí que chega naquela guria, mas tem que tomar umas e outras pra adquirir coragem...” (M2).*

Larimer relata o caso de um aluno que descreveu uma experiência semelhante ao do sujeito desta pesquisa: “estava numa festa e vi uma mulher atraente (...) jamais teria tido coragem de chegar nela se não tivesse tomado uns tragos” (apud DIMEFF, 2002, p.20). Nesse sentido, o álcool é percebido como um “lubrificante” social que, ao mesmo tempo em que fornece uma desculpa e/ou saída para a desinibição social, também pode aumentar a sensação de auto-adequação. Afirmações como “todos bebem na faculdade; isso faz parte essencial da socialização” e “o álcool possibilita a interação com parceiros amorosos em potencial” (LARIMER apud DIMEFF, 2002, p.33) são respostas clássicas de estudantes que justificam, em nível de senso comum, o que está presente nas falas também desta investigação.

*“Parece, assim, uma coisa mais machista, só que agora a mulher tá fazendo, né, trabalha e tal...” (F3);*

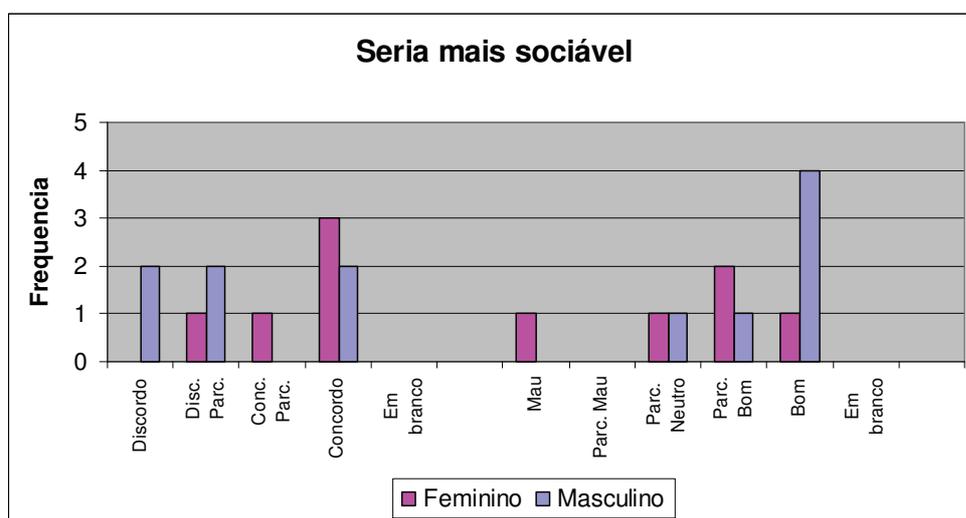
*“Parece uma coisa de orgulho, to bebendo desde terça, eu faço as minhas, mas não conto, achando que é o máximo, a maioria quando conta é pra se vangloriar, entende? (...) sim, antigamente (há uns dez anos atrás), bah, uma mulher beber! (...) hoje é mais tranqüilo, assim, uma mulher beber (...) até as mais certinhas (...), CDF, estudar, tinha mais preconceito, não bebia, hoje não...” (M4).*

Outros aspectos relacionados ao uso de bebidas alcoólicas como *lubrificante* social dizem respeito à valoração atribuída ao consumo e à realização desse em escala crescente por grupos que não costumavam ter sua imagem vinculada ao uso e/ou abuso de álcool. Na afirmação anterior fica nítida a amenização das diferenças de gênero quanto ao consumo de bebidas.

Enquanto os estudos de Kerr-Correa (1999), Silva et al (2006), Prado et al (2006) e de Bresighello (2005) demonstraram que os homens bebem mais do que as mulheres, a investigação de Calaça (2006) aponta a prevalência de uso na vida igual para homens e mulheres. Já Peuker et al. (2006) diz que, apesar de os homens serem consumidores de risco mais do que as mulheres, não foi encontrada diferença entre sexos, no que diz respeito ao beber problemático, fato que parece refletir o aumento no consumo de álcool entre as mulheres. Os autores indicam também que em outros países tem se reportado um aumento na incidência de bebidas alcoólicas em jovens do sexo feminino.

Mesmo com poucas diferenças nessas pesquisas, o conteúdo das falas dos sujeitos demonstram que elas continuam existindo.

O gráfico a seguir sintetiza a realidade constatada:



**Gráfico 1 - Seria mais sociável**

As mulheres parecem concordar mais com a ideia de que se bebessem seriam mais sociáveis, enquanto os homens acham isso um bom efeito. A questão da facilitação da

socialização, apontada pelos participantes da pesquisa, em decorrência do uso de bebidas alcoólicas, é muito explorada pela mídia.

#### 4.2.1.3 Influência da mídia

*“E me aparece na televisão  
 Segurando uma latinha na mão  
 Me dizendo que o milagre da transformação  
 (...)  
 Nã nã nã! Pra mim nã  
 (...)  
 Então  
 Qual é? A atitude que cê toma?  
 Qual é? Porque a cerveja eu já sei!”  
 (Comercial - O Teatro Mágico)*

Reiterando o que foi apresentado sobre indústria cultural no primeiro capítulo deste trabalho, a mídia tem influência muito significativa no comportamento dos jovens; os informes publicitários têm sua atenção voltada especialmente para esse grupo. As propagandas de cerveja estão cheias de objetos de desejos da juventude – ou elementos apelativos: esportistas e artistas famosos, homens e mulheres bonitos e saudáveis, sempre em atividades prazerosas e valorizando o uso das bebidas como algo indispensável para acabar com os problemas da vida e gozá-la plenamente.

*“Influência da própria bebida, tipo a criação de uma nova marca de cerveja, daí você vai experimentar...” (M2);*

*“Campanha publicitária que surgiu agora, que é sobre verão e tal, e o vô ah, o que você vai contar pros seus netos, assim, por um lado é legal, é que parece que chega num ponto que agora tudo é regado com álcool, parece que não existe mais essa coisa de se divertir, sem envolver entorpecentes...”(F2).*

Os jovens universitários têm sido influenciados a consumir bebidas alcoólicas, por meio de propagandas que associam álcool a sucesso e liberdade (LARANJEIRA & PINSKY apud CALAÇA, 2006). Calaça coloca que “a mídia aproveita-se da vulnerabilidade do jovem e o faz acreditar que o álcool é capaz de resolver uma série de

mal-estares, na medida em que associa essa bebida a imagens de sucesso” (2006, p.23). Ou seja, “os jovens adultos estão sujeitos a uma enxurrada de poderosas mensagens publicitárias sobre o álcool que os atacam em sua vulnerabilidade e juventude” (DIMEFF, 2002, p.17).

A questão da mídia foi apontada também pelos coordenadores de curso como um fator que influencia o comportamento dos jovens. Além disso os professores preocupam-se com o fato do álcool não ser reconhecido como uma droga, concordando com o destaque de Dalla Déa (2006) quando explicita álcool além de se droga legalizada seu consumo é aceito pela sociedade como incentivado pela propaganda. Muitos dos informes das festas universitárias tem apelos semelhantes aos da indústria cultural. É sobre as festas e contexto universitário que versa a próxima subcategoria.

#### 4.2.1.4 Festas e contexto universitário

*“Álcool  
Só sei brincar se for com você  
Álcool  
Não há festa se eu não beber  
Álcool  
Não tenho medo com você em mim  
Álcool  
qualquer piada é engraçada assim”  
(Álcool - Barra Dolls)*

Com a entrada na faculdade, o número de festas de que os jovens participam se multiplica. Em qualquer ponto de ônibus e em vários murais dos prédios de graduação da UPF consegue-se visualizar dezenas de cartazes de festas universitárias. São inúmeros e muito criativos os slogans utilizados. Entre os apelos, encontramos, entre outras, as seguintes frases: “entrada consumada”, “drinks livres até x hora” e “bebida livre”. Esse conteúdo encontra-se presente já nas festas de recepção de calouros, como se fosse uma iniciação, um ritual de passagem para a vida acadêmica, como é descrito a seguir:

*“Ritual de passagem da vida acadêmica, eu botei assim que os novos acadêmicos se interessam muito com as atividades extra-classe, ou seja, as festas e viagens, e para muitos entrar na vida acadêmica é entrar de vez na vida adulta, e isso acontece com a cerveja...” (M3).*

Baumkarten (2006) coloca que, em nossa sociedade, os rituais de passagem que eram codificados e controlados pelos mais velhos estão perdendo seu valor simbólico. Porém, “diante da ansiedade de um futuro incerto e da ausência de referências sólidas oferecidas pelo sistema social, os adolescentes são levados cada vez mais a fazer qualquer espécie de pseudo-rito de passagem” (MOREL et al apud BAUMKARTEN, 2006, p.32). A mesma autora ainda acrescenta que os comportamentos de risco assemelham-se aos ritos de passagem; entretanto a responsabilidade se volta mais para o jovem.

Para Dimeff, provar álcool e outras drogas, provar estados alterados de consciência são comportamentos muito comuns nas culturas ocidentais modernas e fazem parte dos ritos de passagem para a vida adulta e para a autonomia “para muitos adultos jovens, a faculdade proporciona a primeira oportunidade para agir como um adulto mais velho” (2002, p.31).

*“Como se fosse uma iniciação, toda festa tem que ter bebida (...) qualquer festa de bichos assim, o ponto principal é a bebida...” (M6).*

Apesar de variar o padrão de ingestão de bebidas alcoólicas ao longo do ano acadêmico, ele está ligado a eventos importantes, como recepção de calouros, formaturas e férias. Baer et al, Meilman et al e Pope et al (apud DIMEFF, 2002) dizem que os calouros parecem ser mais vulneráveis a exceder-se no consumo de álcool, como também a submeter-se a riscos associados ao mesmo. Para Dalla Déa et al. “o calouro é estimulado pelo grupo a beber. A bebida assume um caráter não só de integração, mas também de socialização desse estudante no universo acadêmico, tido como formador do jovem para a vida adulta” (2006, p.01).

*“A primeira vez que fui numa janta na universidade, eu pensei que ia ter comida, e era só bebida (...) o número de festas que tem (...) acho que uma coisa que estimula é a bebida liberada (...) deveriam acabar com esse tipo de coisa de consumado, porque é um fator, estimula...” (F3).*

Os estudos de Dimeff (2002) e de Kerr-Correa et. al (1999) concordam que o fato de os estudantes terem fácil acesso ao álcool facilita o seu consumo e/ou abuso.

*“Tem festas que eu chego e tá tão divertido que eu nem preciso desse artifício pra me divertir, e, mas assim, a gente ouve, e até confesso que você pensa, bah, vou ter que beber pra poder me divertir nesta coisa, sabe, bem sinceramente, principalmente as gurias assim, eu vejo as minhas amigas, tu acaba criando um motivo, um artifício pra tu tá ali, daí tu tá num lugar, daí tá uma droga daí tu fica, tá e agora, aí tu toma uma cerveja, duas, e daí tu fica alegre...” (F2).*

Bresighello diz que “evidencia-se nas entrevistas que o uso de bebidas alcoólicas em festas é um comportamento que acaba se repetindo sem maiores questionamentos e parece ter a finalidade de amoldar socialmente os estudantes ao grupo que pertencem” (2005, p.55).

Um dos coordenadores entrevistados e o representante do DCE apontaram as festas universitárias como co-responsáveis pelo abuso de bebidas alcoólicas. Um outro elemento a ser considerado é a “crença universitários de que beber e ir a festas faz parte do crescimento, e é uma forma de afirmar sua liberdade e independência” (DIMEFF, 2002, p.33).

As festas universitárias, além de terem o caráter de integração entre diferentes turmas e cursos, também são vistas como momentos oportunos para aliviar as tensões inerentes à vida acadêmica, o que é tema da próxima subcategoria.

#### **4.2.1.5 Alívio de tensões inerentes à vida acadêmica**

*“Não sei se tenho medo  
Só esse desespero  
Esqueço quando bebo”  
(Desemprego - Renato russo)*

Para muitos, entrar na universidade significa estar assumindo suas primeiras responsabilidades da vida adulta. As exigências das provas e dos trabalhos acadêmicos são muito maiores do que a maioria dos jovens até então vinha vivenciando no ensino médio. Apesar de nenhum participante da pesquisa ter verbalizado, é possível pensar que o confronto ciência x senso comum, bem como a conscientização das exigências do mercado

de trabalho numa sociedade capitalista como a nossa, são conteúdos que estão implícitos nas angústias oriundas da realização de trabalhos e provas. Para aliviar essas tensões, os estudantes apontam o uso de bebidas alcoólicas tanto para esquecer-las quanto para comemorar as conquistas conseqüentes do seu esforço na realização de tarefas acadêmicas.

*“esquecer os problemas que a vida acadêmica acaba acarretando...” (F2).;*

*“depois das provas (...) desabafa, descarrega as energias, as tensões, daí tu não discute assim a prova (...) vai pra sair um pouco daquela rotina, sabe, e eu coloquei também, onde a gente faz uso da bebida alcoólica geralmente nos finais de semestre, a gente sai pra comemorar ou pra afogar as mágoas...” (M1);*

*“a graduação é mais pesada, não tem como você não ir numa festa, é uma válvula de escape, no final do semestre...” (M6).*

Um obstáculo a ser superado é a crença que muitos universitários possuem têm de que ir a festas no fim de semana e consumir bebidas alcoólicas são uma das boas e poucas maneiras de se divertir e descontrair depois de uma semana devastadora de estudos e provas (DIMEFF, 2002).

Além das exigências acadêmicas, uma das participantes relatou a solidão decorrente do distanciamento da família em função dos estudos como motivo para participar de festas e, conseqüentemente, muitas vezes para fazer uso de bebidas alcoólicas:

*“morando sozinho, encontra alguma dificuldade na universidade daí na hora sai, sente solidão, não tá com a família, sai pra se divertir...” (F5).*

Assim como o conteúdo explicitado nessa fala, um dos coordenadores relatou já ter encontrado alunos chorando em “jantas” da faculdade, alegando sentirem saudades da família e do namorado que se encontravam distantes.

*“Vou me entorpecer  
Bebendo vinho  
Eu sigo só  
No meu caminho”  
(Bebendo Vinho - Wander Wildner)*

Conhecidas a categoria e as subcategorias com as quais optou-se trabalhar a partir das respostas dos sujeitos sobre os motivos subjacentes para o uso de bebidas alcoólicas, a próxima categoria versa sobre os riscos de danos conseqüentes do uso abusivo do álcool apontados pelos estudantes universitários e que parecem mais relevantes.

#### **4.2.2 Riscos de danos associados ao uso abusivo de bebidas alcoólicas**

O nosso cotidiano está permeado direta ou indiretamente por inúmeros danos do uso abusivo do álcool, sejam eles danos pessoais ou sociais. Ultimamente tem sido raro assistir ou ler um jornal que não aponte algum problema vinculado ao abuso de bebidas. Mas o que, especificamente, os jovens que participaram desta investigação concebem como riscos de danos associados ao uso abusivo de bebidas alcoólicas? Aqui optou-se por agrupar as respostas consideradas mais importantes em quatro subcategorias: físicas, dependência e outras drogas, desempenho acadêmico e relações familiares.

##### **4.2.2.1 Físicos**

*“Droga que a sociedade me deixa usar (...)  
Se eu não me preocupo  
Por que você tem que se preocupar?  
Me embriagar, me encher de álcool até cair no chão  
O álcool queima o meu corpo  
Acaba comigo”  
(Álcool - Dorsal Atlântica)*

Entre a maioria dos riscos de danos associados ao uso abusivo de bebidas alcoólicas apontados pelos estudantes universitários estão os riscos de danos imediatos, com implicações direta ou indiretamente voltadas para o corpo, ou seja, físicas.

Concebemos que duas das falas dos sujeitos descrevem a situação de vulnerabilidade a que ficam expostos quando fazem uso abusivo do álcool:

*“você fica, como diria a minha mãe, à mercê dos outros...” (M4);*

*“nada vai acontecer comigo, quando tu bebe eu vejo assim, principalmente com os meninos, ah, parece que nada vai acontecer comigo, é o super-homem...” (F2)*

Ficar “à mercê”, sem medo, e achando que não corre o risco de conseqüências danosas, foi apontado como uma postura mais comum entre os homens, porém recorrendo às respostas do questionário destaca-se o número de participantes do sexo masculino que discordam, dizendo que se sentiriam destemidos se tivessem bebido, o que foi proporcionalmente inverso às respostas das mulheres que concordam e acham isso mau.

Mesmo com essa divisão de opiniões quanto a sentirem-se ou não destemidos ao beberem, os sujeitos da pesquisa apontaram exemplos de possíveis danos físicos, tais como:

*“meu colega (...) já se acidentou de carro que foi perda total, e todo mundo falou pra ele não, deixa que a gente te leva, e ele não, não, eu vou, capotou o carro. Mas continua da mesma forma... não dá pra entender. – (...) uma coisa mais drástica (...) atropelar alguém que acaba morrendo, você pode ser condenado penalmente por homicídio doloso...” (M4);*

*“ah, tem que ir no hospital fazer glicose na veia...” (F3);*

*“machão, mas é verdade, tem os que bebem e querem bater em todo mundo...” (M1);*

*“tem um amigo meu que outro dia ficou pra fora de casa, na rua...” (F3);*

*“fica com a menina, rola um clima e acaba rolando sem camisinha, é uma relação na hora, por motivo de ter bebido e tal...”(F2);*

*“menina de 17 anos que saiu de uma boate e ficou com um cara, ele acabou com a menina, ela chegou em casa no outro dia, toda roxa, mordida (tinha sido estuprada), é uma coisa que ela não faria se não estivesse alcoolizada, não ficaria com um cara assim...” (F4).*

Informações como essas trazidas pelos sujeitos podem ser encontradas muito comumente em pesquisas referentes ao uso de álcool e drogas entre universitários (GRE, 2004).

Os acidentes automobilísticos são o dano imediato mais fácil de ser quantificado como aponta Leon e Vizzoto (2003), 56% desses acidentes que ocorrem entre universitários quando estão alcoolizados. É também o dano mais explorado pela mídia e lembrado pelos cidadãos, não só na população universitária, mas na sociedade em geral. Esses altíssimos índices motivam campanhas de redução de danos, como, por exemplo, as

desenvolvidas pela Fundação Thiago Gonzaga – já citada no segundo capítulo deste trabalho, em propagandas de cerveja e do Ministério da Saúde, com as frases “beba com moderação” e “se beber não dirija”, o que popularizou a redução de danos do álcool.

Atendimentos médicos para aplicação de glicose ou por lesões derivadas de agressões físicas em função do uso abusivo do álcool, bem como o registro dessas em boletins de ocorrência policial, não são nada incomuns e também são passíveis de quantificação. Já ficar exposto dormindo na rua, ser estuprada (o) ou transar sem preservativo não.

Podemos imaginar que a ocorrência de muitas doenças sexualmente transmissíveis, gravidez indesejada (e abortos) são derivados de momentos de uso abusivo de bebidas alcoólicas; porém a ligação entre os fatos raramente é explicitada, a não ser de maneira muito sutil em campanhas promovidas pelo ministério da saúde, com mais ênfase no período do carnaval.

Outro acontecimento decorrente do abuso do álcool que pode trazer danos físicos imediatos e também de longo prazo é a dependência e o uso de outras drogas.

#### 4.2.2.2 Dependência / Outras drogas

*“Consumo de roupa, consumo de drogas  
Consumo de álcool  
Consumo de cigarro, consumo de vida humana”  
(Consumo - Katsbamea)*

Nessa subcategoria destacam-se os limites tênues entre os diferentes padrões de consumo e dependência de bebidas alcoólicas e o *beber socialmente* como uma preocupação dos estudantes universitários que participaram desta pesquisa.

Os depoimentos a seguir retratam essas considerações:

*“eu não sou contra nem a favor, mas de tu saber a quantidade certa, beber em nível social, poder se divertir com os amigos, sabe né, não consegue muitas vezes segurar...”*  
(M2); *“beber socialmente eu falo num sentido assim. (...) se tiver oportunidade de beber,*

*bebe, mas ir com a intenção de beber. (...) é como colocar a bebida em primeiro lugar, como uma condição pra...” (M1);*

*“e outro ponto importante é a dependência que se forma em torno disso, por mais que você beba todo final de semana, tu acaba tendo que beber mais porque se torna resistente, então pra ti conseguir um nível de barato que na primeira vez deu, tu vai beber mais ou vai usar outra droga mais pesada pra ficar assim...” (F1).*

Além da dependência do álcool, os sujeitos destacam a ligação desse com outras drogas tanto ilícitas como lícitas:

*“as lícitas, essas sim, com certeza uma puxa a outra, dá pra fazer a ligação entre o cigarro e o álcool, geralmente quem bebe fuma...” (M3).*

É importante ressaltar que, geralmente, o que se encontra na literatura é o uso concomitante de bebidas alcoólicas e tabaco, mas não registros de relatos de estudantes fazendo essa associação. Já em relação ao consumo de drogas mais pesadas (ilícitas), o presente estudo está congruente com as demais pesquisas na área, quando aponta-o como um dos riscos de danos do uso abusivo de álcool (DIMEFF, 2002).

Independente de se fazer o uso concomitante com outras drogas, os participantes da pesquisa consideraram o uso abusivo de bebidas alcoólicas como um fator que pode prejudicar o desempenho acadêmico, como veremos na subcategoria a seguir.

#### **4.2.2.3 Desempenho acadêmico**

A preocupação de muitas universidades ao pesquisarem e/ou desenvolverem atividades de prevenção ao uso abusivo de álcool e outras drogas encontra-se intimamente ligada à preocupação com o desempenho acadêmico de seus estudantes.

O desempenho acadêmico e o uso abusivo de bebidas alcoólicas são inversamente proporcionais, ou seja, quanto mais problemas decorrentes do uso abusivo, menores serão as chances de se manter um bom desempenho acadêmico. Na pesquisa de Calaça (2006), a consequência da embriaguez mais citada pelos estudantes foi perder aula, dia de trabalho ou outro compromisso importante, com a qual concorda a seguinte fala:

*“faltar as aulas na faculdade, provas...” (F3).*

Entre outros fatores, os sintomas da ressaca impedem os indivíduos de realizarem suas tarefas normalmente<sup>31</sup>. Essas, entre outras conseqüências, podem afetar o relacionamento familiar, o que será discutido na próxima subcategoria.

#### **4.2.2.4 Relações familiares**

As reações que a família pode ter perante situações de uso abusivo de bebidas alcoólicas por seus jovens são muitas e muito variadas. Neste estudo, um dos participantes apontou o constrangimento:

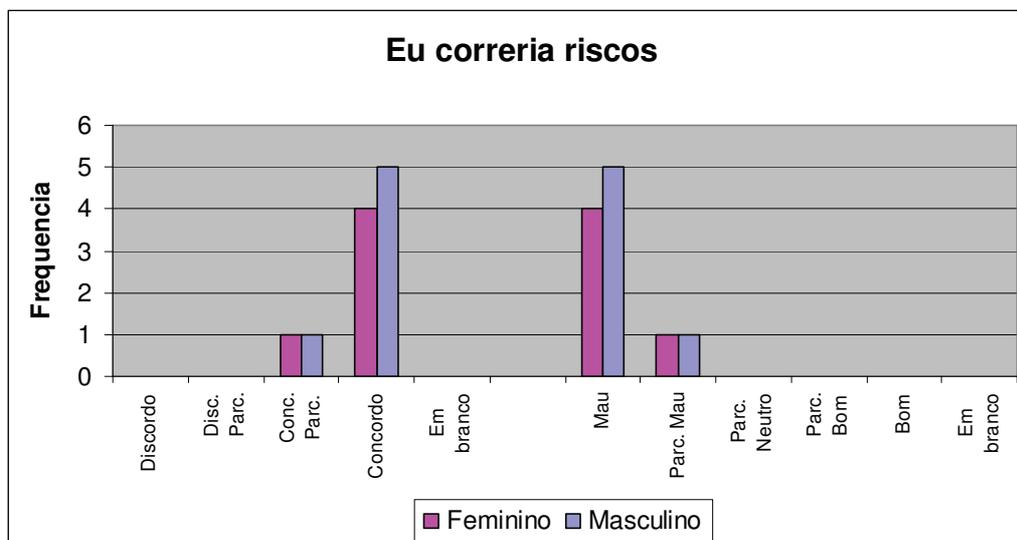
*“e quem tem família também bebe, daí chega em casa e dá aquele constrangimento, que isso atinge a família, a vida pessoal dele, sai no fim de semana, começa a semana desequilibrado, não vê a hora de chegar a sexta feira...” (M2).*

As conseqüências do uso abusivo do álcool nas relações familiares é um aspecto que não foi explorado na literatura voltada para o público universitário. Porém não é difícil imaginar que, quando um jovem sofre um (ou mais) dos danos listados nas subcategorias anteriores, seus resultados têm repercussão nas relações familiares.

Para concluir essa categoria referente aos riscos de danos associados ao uso abusivo de bebidas alcoólicas, é importante enfatizar que, dentre as 38 perguntas do questionário, a que apresentou maior concordância de respostas entre os participantes de ambos os sexos foi a do gráfico a seguir:

---

<sup>31</sup> Assim como a participante que relatou o fato de faltar aulas e provas as demais participantes do sexo feminino concordam que descuidariam de suas obrigações se bebessem e acham isso mau, enquanto que os sujeitos do sexo masculino discordam disso como podemos visualizar no gráfico “Descuidaria das minhas obrigações” (anexo 5).



**Gráfico 2 - Eu correria riscos**

Como podemos perceber, os participantes desta pesquisa têm claro que correm riscos ao beber de forma abusiva. Fica evidente a necessidade da universidade pensar ações pedagógicas de RRD.

Tendo em vista que o objetivo geral desta pesquisa é contribuir na construção de conhecimentos que subsidiem políticas de redução de riscos de bebidas alcoólicas entre estudantes universitários na perspectiva da educação do jovem, depois de perguntar-lhes sobre os motivos e riscos, não se pode deixar de questioná-los a respeito das ações que vislumbram como possíveis de serem realizadas pela/na universidade, visando reduzir os riscos apontados por eles próprios. Assim, com base nas falas dos sujeitos optou-se por construir uma categoria que aborde sugestões de ações educativas concretas no ambiente universitário.

#### **4.2.3 Sugestões de ações educativas concretas no ambiente universitário**

Nessa categoria são apresentadas as sugestões dos alunos para ações educativas que podem ser concretizadas no ambiente universitário. Os estudantes, além de ações, indicam a necessidade de essas atividades serem interligadas, contínuas e com características próprias dos jovens. Um dos professores coordenadores entrevistados apontou que tais

ações podem ser efetivadas como atividades complementares dentro das acadêmicas quotidianas. Estudantes e coordenadores entrevistados apontam à necessidade de instrumentalizar essas sugestões, através de uma política institucional:

*“tem que ter meios concretos acessíveis de instrumentalizar isso, no caso, a própria FAC [Faculdade de Artes e Comunicação] as propagandas, as olimpíadas, com a Educação Física, tem que ter condições materiais e técnicas para fazer isso (...) mas não isolado, [e sim] como se fosse uma política da universidade, da fundação”.*(M4);

*“acho que todos os universitários deveriam participar disso, não só os da FAC [no que se refere à construção de apelos visuais] (...) eu acho que uma campanha nesse ponto você não precisa parar com o trabalho nesse campo, mas uma coisa que faça ela pensar em melhorar a vida (...) mudar a cara da universidade, mais jovem, mais saudável, não só festa mas [em] tudo...”* (F4).

Assim como sugeriram os coordenadores, os estudantes concordam que as ações devem ser montadas pelos próprios alunos, o que está coerente com a abordagem do paradigma da RRD. Freire (1997, p. 11) aponta que as práticas educativas que se fundam na interdisciplinaridade são muito mais ricas; nessa mesma linha, Luz e Silva (1999) diz que ser parte integrante da organização social pode ser caminho para que jovens fiquem menos vulneráveis aos apelos da sociedade consumista.

Além desse aspecto de participação interdisciplinar os universitários apontaram que compreenderam a proposta da RRD:

*“universidade é jovem, tem que ter um apelo (...) Claro que as pessoas não vão parar de beber, mas farão com mais consciência”* (F2);

*“não adianta pensar o extremado (...) isso sempre vai ter, mas se vai preservar a sociedade de alguns, se reduz o dano, não vai acabar de gostar de beber, mas se pensar duas vezes vai diminuir o risco”* (M4).

Para que a educação seja, como aponta Freire (1977), acima de tudo uma tentativa constante de mudança de atitude, Kerr-Corrêa et al apontam a necessidade das universidades estabelecerem uma política clara de orientação sobre o uso de álcool e outras drogas, incluindo mudanças curriculares e programas de prevenção (2007). O que Silva et al (2006) colaboram dizendo é que poderiam ser instituídas atividades como o

fornecimento de informações sobre o consumo de álcool e outras drogas por diversos meios, como por exemplo, pela própria internet, instrução de professores/tutores que auxiliem na detecção precoce dos problemas referentes ao uso abusivo; educação com treino de habilidades para melhor lidar com estresse e maior carga horária nas disciplinas que abordam o uso de álcool e drogas (e inserção do conteúdo nos cursos que ainda não tem).

Dalla Déa et al. (2006) indica que as ações preventivas podem auxiliar jovens a desenvolver habilidades específicas a fim de modificar seu comportamento de beber de alto risco, e, para isso, a RRD é um objetivo válido numa intervenção preventiva, pois desvencilha o peso punitivo associado ao trabalho de prevenção, na medida em que trabalha através da problematização de forma reflexiva e não punitiva, possibilitando aos jovens administrarem o uso minimizando os riscos decorrentes. A autora salienta ainda a necessidade de capacitação de profissionais para o desenvolvimento de estratégias de prevenção.

Optou-se por agrupar as sugestões de ações pedagógicas de RRD indicadas pelos estudantes em três subcategorias que, de maneiras diferentes, contemplam aspectos educativos. São elas: sócio-integrativas, recreativo-culturais e reflexivo-publicitárias.

#### **4.2.3.1 Sócio-integrativas**

Outros espaços, além da sala de aula e festas universitárias, são vistos pelos estudantes como importantes para que desenvolvam e/ou potencializem seus vínculos com os colegas.

*“a gente não se relaciona muito com os colegas além daqui, tipo no domingo, no sábado a universidade poderia oferecer esses momentos, não precisa ser uma festa, eu tava pensando (...) é que tipo a galera sente falta, tá aqui em Passo Fundo, a grande maioria longe da família, e no domingo daí tu acaba perdendo a necessidade de sair no sábado de noite pra ver a galera, daí tu vai no domingo, faz um churrasco...” (F2).*

Pensa-se que, entre outras ações, essas sugestões podem vir a ser articuladas com as demais atividades dos Diretórios Acadêmicos e com o próprio DCE. Dentre esses espaços

de socialização/integração também podem estar incluídas as atividades recreativo-culturais.

#### 4.2.3.2 Recreativo-culturais

Os participantes destacam a necessidade de atividades que despertem a atenção dos jovens, que os auxiliem a “ocupar a cabeça” além de estudos e festas, o que pode ser realizado através de competições que integrem diferentes níveis e cursos, ou seja, oportunizando outros momentos de prazer. Em outras palavras, como sugere Synders (1995), atividades que auxiliem o jovem a ser feliz na universidade.

*“espaços de recreação tipo, entretenimento, tipo de jogos de pensar, dominó, xadrez, relacionados com estratégias ou, sei lá, que evolua o ser humano (...) filmes mais enfocados, não tipo os da quinta que envolvem toda a sociedade, mas mais enfocados para o curso...” (M1).*

A eficácia de contextualizar as atividades com os diferentes cursos se mostrou presente nas atividades desenvolvidas e relatadas por Dalla Déa et al (2006), a qual coordenou oficinas com estudantes de psicologia, enfocando o papel do profissional da saúde em relação a essa questão.

*“a universidade é um lugar tão jovem [cheia de jovens], porque que não parece jovem [?] (...) é uma coisa bem ambiciosa da universidade oferecer um espaço para os alunos darem festas, tipo um campo, tipo, o juvenil, o comercial [clubes da cidade onde foi realizado o estudo]” (F2).*

Snyders propõe uma “renovação das estruturas universitárias”, o que exigiria uma reforma “qualitativa dos orçamentos” e na “política cultural” das universidades (1995, p.33).

*“promover um campeonato entre todos os cursos com todas as modalidades de esportes, isso estimulando a competição saudável, quer dizer, um atleta vai se resguardar mais,*

*tipo, se tem final de campeonato no domingo de manhã o cara não vai tomar um porre no sábado. Também fazer uma gincana mais intelectual, por exemplo, com a engenharia elétrica, os caras montam os robôs, fazer desse tipo que outros cursos pudessem participar...” (M4); “O que acontece na verdade é um pouco isolado...” (F4).*

Luis e Pillon (apud BRESIGHELLO, 2005) destacam que a carência das alternativas de lazer é um dos fatores que podem influenciar o uso de álcool entre universitários<sup>32</sup>. Na universidade de São Carlos, no estado de São Paulo, a maioria dos alunos que participaram da pesquisa de Bresighello (2005) relatou que a universidade está preocupada com a transmissão de conteúdos técnicos, e que sentem necessidade de atividades de lazer, bem como de condições que facilitem realizá-las como tempo e local, e que essa carência deveria estar entre as preocupações da instituição.

Essas ações sugeridas pelos participantes da presente pesquisa também podem estar inclusas e/ou integradas em momentos reflexivos como os citados na próxima categoria.

#### **4.2.3.3 Reflexivo-publicitárias**

Nesse aspecto considera-se relevante destacar que, referente do proposto conceito de conscientização de Freire (1979), já discutido no capítulo anterior, muitas vezes esse é banalizado, sendo usado como simples repasse de informações, sem a pertinente discussão crítica sobre eles. A importância e necessidade de conscientização foi apontada pelos coordenadores e estudantes participantes deste estudo. Contextualização baseada numa educação problematizadora, “fundamentada sobre a criatividade, estimula uma ação e reflexão verdadeiras sobre a realidade” (FREIRE, 1979, p. 81).

Participantes destacaram a potencialidade de espalhar a reflexão quanto ao uso abusivo de bebidas alcoólicas e seus riscos entre os jovens, utilizando como instrumento apelos publicitários:

---

<sup>32</sup> “Facilitar o acesso da população à alternativas culturais e de lazer que possam constituir alternativas de estilo de vida que não considerem o consumo de álcool” é uma das diretrizes da Política Nacional sobre o álcool (BRASIL, 2007) o que mostra a coerência entre essa e a proposta do nosso estudo.

*“a drástica tipo seria um plágio do que fez o Ministério da Saúde para combater o cigarro, distribuir cartazes com fotos de como que ficaram. (...) Fazer isso com o álcool (...) tem alguma coisa que mostra o que pode acontecer se tu exagerar (...) tipo a polícia rodoviária quando coloca uns carros acidentados e tal (...) a Pop Rock que tem isso, tem que ser drástico, um traumazinho...” (M4);*

*“tu vê, por exemplo, na agronomia festa e bebida liberada. Só tem um cartaz no mural mas não tem nada contrário, fazer algo visual, ao mesmo tempo que tem a imagem da festa (...) não vai ser, ah nunca mais vou beber, mas pelo menos o cara vai pensar porque a gente faz isso (...): tem gente que não se choca com imagem, tem gente que não vai se chocar mas a reflexão tem que ser feita (...) se pensar a idéia, se passá-la, todos ganham. As pessoas pensam muito individualmente, a partir do momento em que tu não beber, tu fala para os outros a idéia, sabe...” (F2);*

*“a comunicação visual é essencial para a prevenção assim...” (M1);*

*“tipo, ta na parada do ônibus e vai para beber na festa e vê um cartaz de um acidente com mortes, o cara vai pensar antes. Depois em outra festa vai beber mas não tanto”.(M4).*

O estudo de Bresighello (2005) apresenta a necessidade de os estudantes universitários receberem maiores informações sobre o uso do álcool através de uma reflexão crítica, que subsidie e auxilie os jovens a ultrapassarem essa fase de suas vidas, de maneira mais segura quanto aos riscos aos quais as bebidas alcoólicas os expõem. Sanchez et al (apud CALAÇA, 2006) observam que a disponibilidade de informações acerca das drogas foi apontada tanto por estudantes usuários como por não usuários como fator protetor efetivo.

Ayres e colaboradores (apud SODELLI, 2006) apontam as potencialidades de atividades de prevenção ao uso abusivo de drogas especialmente nas escolas. Intervenção preventiva deveria contribuir para que as pessoas pudessem de fato buscar e se apropriar de informações que fizessem sentido para elas, se mobilizar autenticamente e achar alternativas práticas que permitissem superar as situações que as vulnerabilizam.

Pesquisadores dos EUA desenvolveram uma revisão de 811 programas de prevenção ao uso abusivo de álcool, e outras drogas tinham entre suas atividades: local específico para material educativo e informativo, especialista na área, conteúdo num curso de graduação, dias ou semanas “do álcool” destinados para chamar atenção ao problema e também grupos de apoio no próprio *campus* (ANDERSON & MILGRAN apud DIMEFF et al., 2002). Quanto a esses grupos é importante que se considere a RRD, pois, como

aponta Dimeff (2002) muitos estudantes que abusam não se encaixam no AA nem na necessidade de abstinência.

Estudos como o de Johnston et al (apud Kerr-Correa, 2006) apontam que os universitários diminuem o uso quando sabem dos riscos e os desaprovam. Desenvolvida como uma das atividades do programa “Viver Bem” da UNESP, a intervenção chamada BASICS<sup>33</sup> consiste em apresentar aos alunos com padrões de consumo alto de álcool os riscos em potencial de saúde associados a esse consumo, além de outros comportamentos de risco associados ao uso de álcool, bem como sugerir estratégias específicas para tentar reduzi-los (KERR CORREA et al., 2007). Peuker et al. consideram que as expectativas que os universitários têm “quanto aos efeitos do álcool podem ser modificadas em programas preventivos e paralelamente modificar a frequência e a quantidade do consumo de álcool” (2006, p.195).

As pesquisas apontadas no decorrer deste estudo explicitam a necessidade e também a potencialidade, de programas de RRD nas universidades. Quanto a isso, Bresighello (2005) ressalta que a universidade deve ousar e ir além dos conhecimentos técnicos, para a formação integral dos diversos profissionais que forma. A universidade pode igualmente atrair a liberdade dos jovens por uma iniciação cultural que principiará em experiências variadas, minimizando o risco do estudante procurar alegrias somente fora da universidade (SNYDERS, 1995).

Seria interessante que as universidades se mostrassem disponíveis à vida e aos contratemplos de seus estudantes, estando, como indica Freire (1999), sensível aos chamamentos que estes os fazem. Sem dúvida, as conseqüências do uso abusivo de bebidas alcoólicas entre universitários são chamamentos atuais para novas pesquisas e, principalmente, para uma coordenada de ações pedagógicas de RRD.

---

<sup>33</sup> Brief Alcohol Screening and Intervention for College Students: Triagem e intervenção breve a respeito do álcool em estudantes universitários, método descrito na obra Alcoolismo entre estudantes universitários: uma abordagem de redução de danos (DIMEFF et al., 2002).

## CONCLUSÕES

*“Todo pensamento me revela nova forma, um outro som,  
uma outra cor, um outro tom, uma outra dor, outra loucura.*

*(...)*

*Por onde foi o pensamento meu que me fez lembrar, me  
fez viver a criação e a gestação de um filho que  
não veio ao mundo ainda.*

*Fez me crer no amor, na direção, da contramão”*  
(Pensamento Novo - Fernando Anitelli)

Incontáveis foram os pensamentos desses últimos 24 meses da minha vida em que construí essa dissertação, ou como prefiro dizer, 24 meses de gestação desse “filho”, fruto do namoro da psicologia com a educação. Considerando que, assim como os sujeitos desse estudo, sou uma jovem que vive o alongamento da sua adolescência e que convive com muitos graduandos, sejam eles meus amigos ou alunos, posso dizer que grande parte da minha vida tornou-se uma incessante pesquisa de campo. Durante esse período foram muitas as catarses nas mais variadas situações. Pela ausência de registros, a maioria delas acabou se perdendo, o que me leva a refletir que, mais que teorizada, essa dissertação foi “vivenciada”.

Foram inúmeros os pensamentos sobre a pressão que a estrutura da nossa sociedade capitalista impõe ao comportamento dos jovens, aumentando sua vulnerabilidade ao uso abusivo do álcool, seja pela forma como a lógica do capital perpassa as relações interpessoais ou pela forma como a indústria das bebidas investe na juventude através da mídia, a outra face dessa mesma lógica.

Neste estudo a mídia foi apontada nas sessões de grupo focal pelos estudantes e nas entrevistas de coordenadores<sup>34</sup> como um instrumento de incentivo ao uso e/ou abuso de álcool. Mesmo existindo várias restrições para as propagandas, o álcool se destaca enaltecido nos meios de comunicação e acaba deixando de ser reconhecido como droga. *Num outro extremo*, são apresentadas de forma intensa as conseqüências de seu uso abusivo. *Enquanto* os informes publicitários das indústrias de bebidas alcoólicas investem em apelos criativos, as campanhas de prevenção ainda se mostram empobrecidas desses recursos, preocupando pais e educadores e tornando-os inseguros quanto à articulação de estratégias de enfrentamento à problemática do abuso de bebidas alcoólicas.

Chama atenção os fatos dos participantes da pesquisa terem destacado não só a questão das festas universitárias e o álcool como *lubrificante* social, mas também, como *válvula de escape* das tensões pertinentes à vida acadêmica. Essa função do álcool e essas tensões são pouquíssimo exploradas na literatura voltada para esse contexto, o que me traz novos questionamentos: sendo usadas bebidas alcoólicas para reduzir tensões, estas poderiam evitar danos maiores? Quais outros recursos poderão ser utilizados pelos estudantes para trabalharem com essas tensões? De que forma, e por meio de quem essas tensões poderiam ser minimizadas ou melhor *digeridas* pelos jovens? Tais questões podem constituir a problemática de uma pesquisa futura que venha complementar as informações levantadas aqui.

Quanto às diferenças de gênero dos comportamentos de homens e mulheres relacionados ao consumo de bebidas alcoólicas, esta pesquisa demonstra que, apesar de terem sido amenizadas nos últimos anos, continuam presentes no discurso dos participantes. Todavia parece não existir diferença entre homens e mulheres no que tange à relação consumo de álcool e família.

A família foi apontada como fator de proteção ao uso abusivo tanto pela forma como se relaciona com as bebidas alcoólicas quanto pelo controle externo que exerce quando o jovem reside junto com a mesma. Enquanto isso, os estudantes que moram sozinhos ou com outros jovens sentem-se mais livres para beberem e, muitas vezes, isso multiplica a sua vulnerabilidade a problemas relacionados ao uso abusivo de álcool. Qual é o papel da universidade diante dessa situação? Disponibilizar propostas de reduzir os riscos e danos decorrentes do abuso de bebidas alcoólicas.

---

<sup>34</sup> Indispensável destacar que o diálogo com os coordenadores e com o representante do DCE possibilitou um panorama geral da instituição, visto que não existiam pesquisas anteriores sobre essa questão na UPF.

Quanto aos riscos e aos danos derivados do uso abusivo de bebidas alcoólicas, os estudantes universitários que foram sujeitos dessa investigação demonstraram não só conhecê-los como também concordaram que quando bebem ficam expostos a eles e que isso é mau.

Conhecer os riscos aos quais os estudantes ficam expostos quando abusam do álcool e alguns dos motivos subjacentes ao seu consumo é imprescindível para que se possa pensar em intervenções, ou seja, no presente estudo, ações pedagógicas preventivas. Além de ter acesso a tais essas informação é necessário que essas sejam planejadas pedagogicamente, considerando os aspectos psicossociais, socioculturais, bem como elementos legais e de saúde pública, como vêm sendo destacados em estudos como o de Nowlis (1987). No que se refere ao consumo de bebidas alcoólicas também há de se considerar que o aspecto educativo, através da educação informal, está em tudo que constitui o cotidiano dos jovens e torna necessário que se pense em ações pedagógicas alternativas a essas.

Escutar o que jovens universitários pensam sobre as possibilidades de ações alternativas possibilitou a condução de novas compreensões. Os sujeitos participantes da pesquisa não só compreendem a proposta da redução de riscos de danos, como também consideram que essa está de acordo com o seu pensamento. Assim como os coordenadores e o representante do DCE, consideram importante e demonstram interesse que seja desenvolvida uma política institucional de prevenção ao uso abusivo de álcool entre estudantes universitários.

Esses estudantes apontam a necessidade de uma política institucional como meio de concretizar as ações por eles propostas, usufruindo e integrando riquíssimos recursos materiais e humanos de que a universidade dispõe. Os recursos humanos graduandos e coordenadores foram unânimes em enfatizar que a construção das variadas modalidades de ação deve contar com o envolvimento direto dos alunos de todos os cursos, promovendo e/ou potencializando a interdisciplinaridade.

Ficou evidenciado o desejo que os estudantes têm de que a universidade não veja empecilhos nem poupe esforços para atender as necessidades da juventude, proporcionando espaços e atividades que permitam a melhoria das relações entre colegas fora da sala de aula. Que além de festas – em bares, boates ou mesmo em postos de combustíveis – a própria universidade possa oferecer momentos de convivência, recreação e entretenimento, como jogos, gincanas e atividades culturais. Penso que aí poderiam estar inclusos instrumentos da arteterapia, como oficina de teatro, música, dança e artesanato,

além de grupos de apoio e grupos reflexivos de discussão de temáticas diversificadas escolhidas pelos próprios participantes, mas cujo teor possibilite a educação relacionada ao consumo de bebidas alcoólicas.

A necessidade de problematização por meio de palestras e de recursos reflexivo-publicitários foi apontada, respectivamente, pelos coordenadores e alunos. Imagino que além das palestras, alguns conteúdos referentes às habilidades sociais e ao uso de álcool e outras drogas poderiam ser incluídos – ou mais bem explorados onde já estão inclusos, como nos cursos da área da saúde, por exemplo – nos próprios currículos, constando nas ementas e sendo discutidos de forma contextualizada com a realidade de cada curso. Em relação aos recursos reflexivo-publicitários, além de instrumentos de contra propaganda do abuso de álcool junto a cartazes de festas universitárias, como sugerido pelos estudantes, creio que estes podem ser mais bem trabalhados e expandidos, de maneira que se constituam um material educativo que possa ser utilizado em diversas atividades de prevenção ao uso abusivo de bebidas alcoólicas.

Pensar um programa de prevenção ao uso abusivo de álcool (e outras drogas) baseado numa abordagem de redução de riscos de danos é um grande desafio. Quando se fala em consumo de drogas há que se ter em mente que existem posições controversas que podem variar desde a não aceitação até a permissividade total. A redução de riscos e danos, entre outras coisas, não só exige que se abduque de preconceitos oriundos das mais diversas posições, como também da expectativa de resultados quantitativos, tão intensamente cobrados em nossas instituições.

Para efetivar as sugestões de ações pedagógicas apresentadas neste trabalho, sendo coerentes com esta abordagem, é indispensável que os docentes de todas as áreas do conhecimento recebam informações e sejam sensibilizados a trabalhar, buscando novas alternativas e estratégias. Essas informações não devem simplesmente ser repassadas aos professores, pois é importante oportunizar o diálogo e a crítica sobre assuntos jovens, saúde (integralidades), drogas e RRD. Seria conveniente que um programa (uma política) de prevenção envolvesse toda a comunidade acadêmica e não somente o “setor” que a coordena.

Diferente do que ocorre nos Estados Unidos, no Brasil são raras as universidades que têm programas de prevenção ao uso abusivo de álcool e outras drogas específicos para seus estudantes. O que existe são grupos de pesquisa, serviços de atendimento voltados para a problemática das drogas oferecidos para população em geral – o que inclui os estudantes – e serviços de orientação aos estudantes que não são específicos para essa

problemática. Entretanto, muitos dos serviços de orientação ao estudante (os chamados setores psicopedagógicos) oferecem serviços individualizados, sem ligação com outras atividades acadêmicas. Normalmente esses setores atuam quando os problemas já estão instalados, não realizando atividades educativas de prevenção.

As universidades, além de serem locais propícios para realização de programas de prevenção ao uso abusivo de álcool e outras drogas, só têm a ganhar com a institucionalização desses, pois é uma alternativa para complementar a formação dos jovens em desenvolvimento, para além dos muros do *campus*.

A integração ao cotidiano acadêmico, sendo propiciada através de atividades complementares ou projetos de extensão, denotaria um significado à responsabilidade pessoal e social na formação de profissionais que no futuro serão os gestores da nossa sociedade. Este estudo me permite sugerir mudanças às instituições de ensino superior que não têm uma característica mercantilista, mas que desejam cumprir o seu papel de agência formadora, especialmente as comunitárias – como a que serviu de base empírica ao presente estudo – cuja natureza as vincula diretamente às problemáticas das comunidades onde estão inseridas. Evidencio ainda a necessidade de buscar construir uma coordenação de ações no que tange à questão do uso abusivo de álcool e drogas entre a comunidade acadêmica, em especial, entre os jovens universitários.

Há anos pesquisando e trabalhando com prevenção e tratamento da drogadição, tenho clareza de que concretizar essa proposta não é uma tarefa fácil. Porém, não só ter esperanças e sonhar, mas lutar pela construção de uma sociedade mais crítica, que se importe mais com o amor do que com os apelos do capital e que possa ver seus jovens brindarem a vida e as dores de sua alma sem que se exponham e sofram os danos do abuso de drogas é dever não só de educadores e outros profissionais, mas de todos os cidadãos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, T. *Educação e emancipação*. Tradução Wolfgang Leo Maar. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

ADORNO, T; HORKHEIMER, M. *A dialética do esclarecimento*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

ARENDT, H. *Entre o passado e o futuro*. Tradução: Mauro Barbosa de Almeida. São Paulo: Editora Perspectiva, 1992. (3 edição).

AYRES, J. *Educação preventiva e vulnerabilidade às DST/AIDS e abuso de drogas entre escolares: como avaliar a intervenção?*. Série Idéias n. 29, São Paulo: FDE, 1996. p. 25-41.

AYRES, J. et al. *Você aprende. A gente ensina*. Interrogando relações entre educação e saúde desde a perspectiva da vulnerabilidade. Caderno de Saúde Pública. Vol.22. n.6. Rio de Janeiro, junho, 2006.

BARDIN, L. *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Editora 70, 1977.

BASTOS, F.; MESQUITA, F. (orgs). *Troca de Seringas: ciência, debate e saúde pública/ Coordenação Nacional de DST e Aids*. Brasília: Ministério da Saúde, 1998.

\_\_\_\_\_. *Estratégias de Redução de Danos*. In: SEIBEL, S.D. Dependência de Drogas. São Paulo: Atheneu, 2000.

BAUMAN, Z. *Modernidade líquida*. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BAUMKARTEN, S. *Os significados da drogadição na adolescência*. Passo Fundo: Ediupf, 2006.

BELENZANI, R. et al. *Da vulnerabilidade social à vulnerabilidade psíquica: uma proposta de cuidado em saúde mental para adolescentes em situação de rua e exploração sexual*. Anais do 1º Simpósio Internacional do Adolescente. Campinas, 2005.

- BIRMAN, J. *Mal-estar na Atualidade*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2000.
- BRANDÃO, C. R. *O que é Educação?* São Paulo: Ed. Brasiliense, 1981.
- BRANDÃO, J. *Mitologia Grega- Volume II*. Petrópolis: Vozes, 1998. (9 ed.).
- BRASIL. *Decreto nº 6.117*. De 22 de maio de 2007.
- BRASIL. *Lei Federal nº 11.343*. De 23 de agosto de 2006.
- BRASIL, Secretaria da Atenção à Saúde. Departamento de Ações Pragmáticas Estratégicas. *Álcool e redução de danos: uma abordagem inovadora para países em transição*. Brasília: Ministério da Saúde, 2004.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de políticas de Saúde. Área de Saúde do Adolescente e do Jovem. *Cadernos, juventude saúde e desenvolvimento*. V.1. Brasília, Agosto, 1999.
- BRESIGHELLO, M. *Jovens Universitários e Álcool: conhecimentos e atitudes*. Dissertação de Mestrado em Educação. Universidade Federal de São Carlos. São Carlos, 2005.
- BUCHER, R. *Drogas e drogadição no Brasil*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.
- CALAÇA, F. *Aspectos do uso de álcool entre estudantes iniciando curso na UFMG*. Dissertação de Mestrado em Medicina. Universidade federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2006.
- CARLINI-COTRIM, B. Apresentação à edição brasileira. In: MARLATT. *Redução de Danos -Estratégias práticas para lidar com comportamentos de alto risco*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.
- \_\_\_\_\_. *Potencialidades da técnica qualitativa grupo focal em investigações sobre o abuso de substâncias*. *Revista Saúde Pública*, São Paulo, v. 30, n. 3 jun. 1996.
- CARNEIRO, H. *Pequena enciclopédia da história das drogas e bebidas: histórias e curiosidades sobre as mais variadas drogas e bebidas*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.
- CECCIM, R. et al. *Educação e assessoramento em redução de danos- atenção integral à saúde para usuários de drogas e sua rede social*. In: FAGUNDES, S. M.; FERLA, A.A. *O fazer em saúde coletiva: inovações da atenção à saúde no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: DaCasa – Escola de Saúde Pública/RS, 2002.
- CRE, Conselho Regional de Psicologia – 7ª REGIÃO. *Psicologia e Políticas Públicas: experiências em saúde pública*. Porto Alegre: CRP- 7ª Região, 2004.
- CURSO DE CAPACITAÇÃO de Instrutores para Promoção da Saúde em Ações AntiDrogas. Brasília. *Anais do Curso de Capacitação de Instrutores para Promoção da Saúde em Ações Antidrogas*. Brasília: SENAD, 2001.

DALBOSCO, C. *Educação e maioria: dimensões da racionalidade pedagógica*. São Paulo: Cortez; Passo Fundo: Ediupf, 2005.

DALLA DÉA, H. et al. As “Oficinas de Alcohol” desenvolvidas pelo Aprimoramento Clínico Institucional. “O Psicólogo e a Prevenção ao abuso de álcool e outras drogas da Clínica Psicológica Ana Maria Poppovic. Boletim Clínico n. 12. São Paulo: Abril 2002.

DESLANDES, S. *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes, 1994.

DIMEFF, L. et al. *Alcoolismo entre Estudantes Universitários- uma abordagem de redução de danos*. São Paulo: UNESP, 2002.

DUARTE, P. C.; BRANCO, A. P. *Processo de realinhamento da Política Nacional Antidrogas e a Legislação Brasileira sobre drogas*. In: SUPERA, Módulo 1. O uso de substâncias psicoativas no Brasil: Epidemiologia, Legislação, Políticas Públicas e Fatores Culturais. Brasília: Secretaria Nacional Antidrogas, 2006.

DUARTE, R. *Adorno/Horkheimer & A Dialética do Esclarecimento*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.

ELIA; ANDRADE. *Prevenção em ambientes específicos: universidade*. Disponível Em <<http://obid.senad.gov.br/OBID/Portal/Index.jsp?ildPessoaJuridica=1>>. Acesso em agosto de 2006.

ELIAS, N. *A Sociedade dos Indivíduos*. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

ERWIG, L. R. *O Redutor de Danos como um agente social. Uma possibilidade de inclusão?* In: Conselho Regional de Psicologia- 7ª REGIÃO. Psicologia e Políticas Públicas: experiências em saúde pública. Porto Alegre: CRP- 7ª Região, 2004.

FAGUNDES, S. M.; FERLA, A.A.(orgs) *O fazer em saúde coletiva: inovações da atenção à saúde no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: DaCasa - Escola de Saúde Pública/RS, 2002.

FLICKINGER, H. *Dimensões da maioria e a educação*. 51-69. In: DALBOSCO, C. Educação e maioria: dimensões da racionalidade pedagógica. São Paulo: Cortez; Passo Fundo: Ediupf, 2005.

FRANCO, M. (org) *Políticas Públicas e Gestão da Educação Superior*. In: MOROSINI, M. et al. Enciclopédia de Pedagogia Universitária. Porto Alegre: FAPERGS/RIES, 2003.

FRANCO, M. *Análise de Conteúdo*. Brasília: Líber Livro Editora, 2005. (2 ed.)

FREIRE, A. *Ter ou Ser? Eis a Questão: Um olhar sobre os Modos de Existência na Contemporaneidade, na Perspectiva de Erich Fromm*. Disponível em <[www.frb.br/ciente/2005.1/PSI/ciente\\_v.1\\_psi.freire.pdf](http://www.frb.br/ciente/2005.1/PSI/ciente_v.1_psi.freire.pdf)>. Acesso em fevereiro de 2007.

FREIRE, P. *Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire*. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.

\_\_\_\_\_. *Educação como prática de liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997. (7ed.).

\_\_\_\_\_. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

\_\_\_\_\_. *Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

\_\_\_\_\_. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005. 44ª edição.

FROMM, E. *Arte de Amar*. Belo Horizonte: Itatiaia Limitada, 1990.

\_\_\_\_\_. *O coração do homem: seu gênio para o Bem e para o Mal*. Tradução: Octavio Velho. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981. 6ª edição.

\_\_\_\_\_. *Psicanálise da Sociedade Contemporânea*. Tradução de L. Bahia e Giasone Rebuá. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 1967. 5ª edição.

\_\_\_\_\_. *Ter ou Ser?* Tradução de Nathanael Caixeiro. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 1980. (3 edição).

GATTI, B. A. *Grupo Focal na pesquisa em ciências sociais humanas*. Brasília: Líber Livro Editora, 2005.

GERVAIS, Y. *La Prévention des toxicomanies chez les adolescents*. Paris: L' Harmattan, 1994.

HOYER, T. *Maioridade como objetivo da educação: esboço acerca da história de um problema*. 23- 50 In: DALBOSCO, C. *Educação e maioridade: dimensões da racionalidade pedagógica*. São Paulo: Cortez; Passo Fundo: Ediupf, 2005.

INEP. *Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira*. Disponível em <<http://www.inep.gov.br/superior/censosuperior/sinopse/default.asp>>. Acesso em julho de 2007.

KERR-CORREA, F et al. *Prevenção ao uso de álcool por estudantes universitários*. Disponível em <<http://www.viverbem.fmb.unesp.br/livros.asp>>. Acesso em Janeiro de 2007.

\_\_\_\_\_. *1º Levantamento do uso de álcool e drogas e das condições gerais de vida dos estudantes da UNESP*. Disponível em <<http://www.viverbem.fmb.unesp.br/livros.asp>>. Acesso em Agosto de 2006.

\_\_\_\_\_. *Uso de álcool e drogas por estudantes de medicina da UNESP*. Revista Brasileira de Psiquiatria, v.21, n. 2, 1999.

LARANJEIRA, R.; ROMANO, M. Consenso brasileiro sobre políticas públicas do álcool. Revista Brasileira de Psiquiatria. Vol.26 .Supl.1. São Paulo, Maio 2004.

LÉON, L.; VIZZOTO, M. *Comportamento no trânsito: um estudo epidemiológico com estudantes universitários*. Caderno Saúde Pública. N. 19 V. 02. Rio de Janeiro, Mar-abr, 2003.

LIBÂNEO, J. *O debate sobre o estudo científico da educação: ciência pedagógica ou ciências da educação?* Revista Espaço Pedagógico. Passo Fundo, V.10, n.02, 11-33, Jul./dez./ 2003.

LIBÂNEO, J. *Pedagogia e pedagogos, para quê?* São Paulo: Cortez, 1999.

LIMA, A. F. *Psicologia para autonomia: a nova política do ministério da saúde para álcool e outras drogas e sua implicação no trabalho psicológico*. São Paulo, 2006 (mimeo).

LIMA, S. *A clínica do possível: tratando de dependentes de drogas na periferia de São Paulo*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

LONGHI, S. *Pedagogia, ciência pedagógica: o reconhecimento necessário na área e campo da educação*. Revista Espaço Pedagógico, Passo Fundo, v. 10, n. 02, p. 34-47 jul./dez./ 2003.

LUZ, A. A. da. *Educação e prevenção ao abuso de drogas: limites e possibilidades*. Revista Educar, Curitiba, n. 17, p. 223-226, 2001.

LUZ, M.; SILVA, R. *Vulnerabilidade e Adolescência*. In: BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de políticas de Saúde. Área de Saúde do Adolescente e do Jovem. Cadernos, juventude saúde e desenvolvimento, v.01. Brasília, agosto, 1999.

MAAR, W. *Educação e maioria em Adorno*. 348-362. In: DALBOSCO, C. *Educação e maioria: dimensões da racionalidade pedagógica*. São Paulo: Cortez; Passo Fundo: Ed. Da Universidade de Passo Fundo, 2005.

MARLATT. *Redução de Danos -Estratégias práticas para lidar com comportamentos de alto risco*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

MARQUES, M. O. *Pedagogia: a ciência do educador*. Ijuí: Ed. Unijuí, 2006.

MAURINA, L. R.; LONGHI, S. *Prudência em busca de decência: o papel da universidade na construção de possibilidades de leitura e intervenção mais dignas em relação ao uso de drogas*. Anais (cd) do VI Encontro da Anpae da Região Sul: Reinventado a gestão educacional - políticas públicas e conhecimento. Passo Fundo 09-11 maio de 2007.

MAZZOTTI, T. *Ciência(s) da Educação*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

MESQUITA, F. *Política pública de drogas*. Disponível em: <<http://www.reduce.org.br/pages.php?recid=8>> Acesso em Dezembro de 2006..

MOROZ, M. *O processo de pesquisa: iniciação*. Brasília: Plano Editora, 2002.

MUZA, G.; COSTA, M. *Elementos para a elaboração de um projeto de promoção à saúde e desenvolvimento dos adolescentes- o olhar dos adolescentes*. Cadernos Saúde Pública, Rio de Janeiro, v. 18, n. 1, jan./fev. 2002.

NICASTRI, S. *Drogas: classificação e efeitos no organismo*. In: Secretaria Nacional Antidrogas. *Prevenção ao Uso de Álcool e Outras Drogas no Ambiente de Trabalho. Conhecer para Ajudar*. Florianópolis: UFSC, 2006.

NOWLIS, H. *La drogue demythifié*. 3ed. Paris: UNESCO, 1987.

OLIVEIRA, B. *Educação para as Drogas*. In: Curso de Capacitação de Instrutores para Promoção da Saúde em Ações Antidrogas. Brasília. Anais do Curso de Capacitação de Instrutores para Promoção da Saúde em Ações Antidrogas. Brasília: SENAD, 2001.

PAES, P. C. *Educação no programa de redução de danos: alienação ou práxis educativa*. Anais da 29 Reunião Anual da ANPED. Caxambu, 2006.

PAES, P.; OLIVEIRA, M. *Educação no programa de Redução de Danos: alienação ou práxis educativa*. Anais da 29ª reunião anual da ANPAE, Caxambu, 2006.

PAES, P.; OLIVEIRA, M. *Educação no programa de Redução de Danos: alienação ou práxis educativa*. Anais da 29ª reunião anual da ANPAE, Caxambu, 2006.

PEUKER, A. et al. *Expectativas e Beber Problemático entre Universitários*. Psicologia: Teoria e Pesquisa, mai-ago 2006, vol.22 n. 2 p 193-200. Brasília.

PEUKER, A. et al. *Expectativas e Beber Problemático entre Universitários*. Psicologia: Teoria e Pesquisa, mai-ago 2006, vol.22 n. 2 p 193-200. Brasília.

PILLON, S. *Estudantes universitários apresentam comportamento de risco para as drogas*. Disponível em: <<http://obid.senad.gov.br/OBID/Portal/Index.jsp?ildPessoaJuridica=1>>. Acesso em: 30 de ago. 2006.

PIMENTA, S. G. (coord.) *Pedagogia, ciência da educação?* São Paulo: Cortez, 1996.

\_\_\_\_\_. *Pedagogia e pedagogos: caminhos e perspectivas*. São Paulo: Cortez, 2002.

PIMENTA, S.; ANASTASIOU, L. *Docência no ensino superior*. São Paulo: Cortez, 2002.

PRADO, D. et al. *Uso de álcool, tabaco e drogas ilícitas por estudantes de farmácia da Universidade Federal de Goiás*. Revista Infarma v. 18, n. 11/12, 2006. Goiânia. P. 3-9

QUEIROZ, M. *O Homen contemporâneo segundo a perspectiva de Erich Fromm*. [www.frb.br/ciente/2005.1/PSI/ciente\\_v.1\\_psi.queiroz.pdf](http://www.frb.br/ciente/2005.1/PSI/ciente_v.1_psi.queiroz.pdf) Data: 20 de fevereiro de 2007.

RIGONI, R. *Assumindo o Controle: Organizações, práticas e a experiência de si em trabalhadores da redução de Danos na região metropolitana de Porto Alegre*. Dissertação de Mestrado em Psicologia Social e Institucional. UFRGS, 2006.

RIGONI, R., NARDI, H. Marginalidade ou cidadania? A rede discursiva que configura o trabalho dos redutores de danos. *Revista Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 10, n.2, p.273-282, mai./ago. 2005.

ROSSATO, R. *Século XXI: saberes em construção*. Passo Fundo: UPF, 2002.

SANTOS, B.S. (Org.). *Conhecimento Prudente para uma Vida Decente: “um discurso sobre as ciências” revisitado*. São Paulo, Cortez, 2004. P.777- 821.

\_\_\_\_\_. (Org.). *Democratizar a democracia: os caminhos da democracia participativa*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. p.13-27.

\_\_\_\_\_. *Renovar a teoria crítica e reinventar a emancipação social*; tradução Mouzar Benedito. São Paulo: Boitempo, 2007.

SCIVOLETOO; DUARTE. *Atualização de Conhecimentos sobre Redução da Demanda de Drogas- Curso à Distância*. Brasília: SENAD, 2004

SEIBEL, S.D. *Dependência de Drogas*. São Paulo: Editora Atheneu, 2000.

SENAD, Secretaria Nacional Antidrogas. *Prevenção ao Uso de Álcool e Outras Drogas no Ambiente de Trabalho*. Conhecer para Ajudar. Florianópolis: UFSC, 2006.

SHIROMA, E. et al. *Política Educacional*. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

SILVA, E. *A participação da família na prevenção e no tratamento de dependência de álcool e outras drogas: o papel dos pais e dos cônjuges*. In: SUPERA. Módulo 6- As redes comunitárias e de saúde no atendimento aos usuários e dependentes de substâncias psicoativas. Brasília: Secretaria Nacional Antidrogas, 2006.

SILVA, L. et al. *Fatores associados ao consumo de álcool e drogas entre estudantes universitários*. *Revista Saúde Pública* 2006; vol. 40 n. 2 p. 280-288. São Paulo.

SNYDERS, G. *Feliz na Universidade: estudo a partir de algumas biografias*. Tradução Antônio de Pádua Danesi. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

SODELLI, M. *Aproximando sentidos: formação de professores, educação, drogas e ações redutoras de vulnerabilidade*. Doutorado em Educação, PUC-SP, 2006.

SUDBRACK, M. F. O. *A Drogadição Na Perspectiva Relacional e sua abordagem no contexto da saúde*. In: Curso de Capacitação de Instrutores para Promoção da Saúde em Ações Antidrogas. Brasília. Anais do Curso de Capacitação de Instrutores para Promoção da Saúde em Ações Anti-drogas. Brasília: SENAD, 2001.

SUPERA. Módulo 1. *O uso de substâncias psicoativas no Brasil: Epidemiologia, Legislação, Políticas Públicas e Fatores Culturais*. Brasília: Secretaria Nacional Antidrogas, 2006.

SUPERA. Módulo 6. *As redes comunitária e de saúde no atendimento aos usuários e dependentes de substâncias psicoativas*. Brasília: Secretaria Nacional Antidrogas, 2006.

SUSANA, A.(org). *A Educação Superior no Brasil*. Brasília: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, 2002.

THOLLE, W. *Maioridade provoca voluntariedade: infância e juventude - práticas autônomas e formação extra-escolar na Alemanha*. 378- 397. In: DALBOSCO, C. *Educação e maioridade: dimensões da racionalidade pedagógica*. São Paulo: Cortez; Passo Fundo: Ed. Da Universidade de Passo Fundo, 2005.

TOSCANO, A. *Um Breve Histórico Sobre o Uso de Drogas*. In: SEIBEL, S.D. *Dependência de Drogas*. São Paulo: Editora Atheneu, 2000.

ZABALZA, M. *O ensino universitário: seu cenário e seus protagonistas*. Porto Alegre: Artmed, 2004.

ZUIN, A. *A indústria cultural e as consciências felizes: psiques reificadas em escala global*. In: ZUIN, A. (org) et al. *A Educação danificada: contribuições à teoria crítica da educação*. Petrópolis: Vozes; São Carlos: Universidade Federal de São Carlos, 1997.

ZUIN, A. (org) et al. *A Educação danificada: contribuições à teoria crítica da educação*. Petrópolis: Vozes; São Carlos: Universidade Federal de São Carlos, 1997.

## ANEXO 1 - SELEÇÃO E MEDIDAS DE AVALIAÇÃO PUBLICADAS E INÉDITAS

Seleção e medidas de avaliação publicadas e inéditas

Efeitos abrangentes do álcool (comprehensive effects of alcohol- CEA)<sup>35</sup>

Este questionário avalia duas coisas:

1. o que você esperaria que acontecesse se tomasse bebidas alcoólicas, e
2. se você acha que o efeito é bom ou mau.

Instruções:

- Escolha uma das respostas, de concordo com discordo, dependendo do efeito provável que você sofreria, caso tomasse bebidas alcoólicas. Esses efeitos podem variar, dependendo da quantidade de álcool consumida. Faça um círculo em torno dos algarismos do primeiro conjunto depois de cada afirmação.
- Escolha de bom ou mau, dependendo de como vê cada efeito. Gostaríamos de saber se você acha o efeito bom ou mau, independente do que espera que lhe aconteça. Faça um círculo em torno de um dos algarismos do ultimo conjunto depois de cada afirmação.

Exemplo: 1. Eu ficaria... 1 2 3 4

1= discordo

2= discordo parcialmente

3= concordo parcialmente

4= concordo

Este efeito é 1 2 3 4 5

1=mau

2= parcialmente mau

3= parcialmente neutro

4= parcialmente bom

5= bom

---

<sup>35</sup> Fonte: Comprehensive effects of alcohol: development and psychometric of a new expectancy questionnaire. K. Fromme, E. A. Stroot e D. Kaplan, Psychological, 5, 19-24. copyright 1993 da American Psychological Association. Reprodução autorizada.

Se eu tivesse bebido:

---

1. Eu ficaria desinibido	1 2 3 4	Este efeito é 1 2 3 4 5
2. Meus sentidos ficariam embotados	1 2 3 4	Este efeito é 1 2 3 4 5
3. eu ficaria engraçado	1 2 3 4	Este efeito é 1 2 3 4 5
4. meus problemas pareceriam mais graves	1 2 3 4	Este efeito é 1 2 3 4 5
5. ficaria mais fácil expressar meus sentimentos	1 2 3 4	Este efeito é 1 2 3 4 5
6. ficaria difícil para escrever	1 2 3 4	Este efeito é 1 2 3 4 5
7. eu me sentiria sexy	1 2 3 4	Este efeito é 1 2 3 4 5
8. eu teria dificuldade para pensar	1 2 3 4	Este efeito é 1 2 3 4 5
9. eu me descuidaria de minhas obrigações	1 2 3 4	Este efeito é 1 2 3 4 5
10. eu dominaria	1 2 3 4	Este efeito é 1 2 3 4 5
11. minha cabeça ficaria confusa	1 2 3 4	Este efeito é 1 2 3 4 5
12. eu curtiria mais o sexo	1 2 3 4	Este efeito é 1 2 3 4 5
13. eu ficaria zonzó	1 2 3 4	Este efeito é 1 2 3 4 5
14. eu ficaria mais amigável	1 2 3 4	Este efeito é 1 2 3 4 5
15. eu ficaria desajeitado	1 2 3 4	Este efeito é 1 2 3 4 5
16. seria mais fácil	1 2 3 4	Este efeito é 1 2 3 4 5
17. eu ficaria barulhento e ruidoso	1 2 3 4	Este efeito é 1 2 3 4 5
18. eu ficaria pacífico	1 2 3 4	Este efeito é 1 2 3 4 5
19. eu ficaria bravo e ousado	1 2 3 4	Este efeito é 1 2 3 4 5
20. eu me sentiria destemido	1 2 3 4	Este efeito é 1 2 3 4 5
21. eu me sentiria criativo	1 2 3 4	Este efeito é 1 2 3 4 5
22. eu ficaria corajoso	1 2 3 4	Este efeito é 1 2 3 4 5
23. eu ficaria trêmulo ou bambo no dia seguinte	1 2 3 4	Este efeito é 1 2 3 4 5
24. eu me sentiria cheio de energia	1 2 3 4	Este efeito é 1 2 3 4 5
25. eu agiria de maneira agressiva	1 2 3 4	Este efeito é 1 2 3 4 5
26. minhas reações seriam lentas	1 2 3 4	Este efeito é 1 2 3 4 5

27. meu corpo ficaria relaxado		
me sentiria culpado	1 2 3 4	Este efeito é 1 2 3 4 5
28. eu me sentiria calmo	1 2 3 4	Este efeito é 1 2 3 4 5
29. eu me sentiria mal humorado	1 2 3 4	Este efeito é 1 2 3 4 5
30. seria mais fácil conversar com		
as pessoas	1 2 3 4	Este efeito é 1 2 3 4 5
31. eu seria um amante melhor	1 2 3 4	Este efeito é 1 2 3 4 5
32. eu me sentiria autocrítico	1 2 3 4	Este efeito é 1 2 3 4 5
33. eu ficaria tagarela	1 2 3 4	Este efeito é 1 2 3 4 5
34. eu agiria de maneira brusca	1 2 3 4	Este efeito é 1 2 3 4 5
35. eu correria riscos	1 2 3 4	Este efeito é 1 2 3 4 5
36. eu me sentiria poderoso	1 2 3 4	Este efeito é 1 2 3 4 5
37. eu seria mais sociável	1 2 3 4	Este efeito é 1 2 3 4 5

## **ANEXO 2 - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

### **UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

#### **Termo de consentimento livre e esclarecido**

Eu, Leda Rúbia Corbulim Maurina estou lhe convidando a participar da pesquisa intitulada “*Educação e Políticas Públicas de redução de riscos do uso de bebidas alcoólicas entre estudantes universitários*”, realizada por mim, orientada pela prof<sup>a</sup>.dr<sup>a</sup>. Solange Maria Longhi e co-orientado pela prof<sup>a</sup>.dr<sup>a</sup>. Silvana Teresinha Baumgarten. Atualmente o uso de bebidas alcoólicas entre jovens tem gerado conseqüências graves para suas vidas preocupando pais, educadores, gestores e profissionais de saúde torna-se de indiscutível importância conhecer e estudar a concepção que os próprios estudantes universitários têm sobre uso, riscos e possibilidades de educação preventivas sobre esta questão, para que possam ser subsidiadas políticas adequadas aos jovens.

A pesquisa será realizada através de encontros com grupo de universitários (em torno de um ou dois ou tantos quanto forem necessários), coordenados por mim e pelo psicólogo Anderson Cassol Dozza, com duração de aproximadamente uma hora. Onde serão levantadas questões referentes a temática da pesquisa nas quais os participantes terão oportunidade de expressar livremente suas opiniões. Aos participantes que desejarem poderá haver aprofundamento complementar através de questionário anônimo, respondido no término do encontro. Informo-lhe que tais encontros serão gravados, mas seus arquivos de áudio serão deletados logo após serem transcritos, garantindo seu anonimato e privacidade, ou seja, sua identidade será mantida em sigilo.

Os dados obtidos serão utilizados para fins exclusivamente acadêmicos, embasando a produção de conhecimento científico. A divulgação dos resultados poderá ser efetivada através da apresentação dos resultados finais da pesquisa à banca avaliadora da Dissertação, eventos científicos e através de artigos ou livro, garantindo sempre o anonimato de sua identidade.

Você pode solicitar novos esclarecimentos sobre a pesquisa, antes e durante a investigação, e ainda a possibilidade de, a qualquer momento, retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, se assim o desejar, sem quaisquer represálias ou penalização.

Pode entrar em contato comigo pelo telefone (54) 3311-2239 ou pelo endereço eletrônico [ledarubia@yahoo.com.br](mailto:ledarubia@yahoo.com.br), ou ainda contatar o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de Passo Fundo pelo telefone (54) 3316-8370 ou no e-mail [cep@upf.br](mailto:cep@upf.br) em caso de dúvidas e informações referentes à pesquisa.

Assim, se estiver de acordo solicito o seu consentimento, preencha os dados a seguir:

De acordo em participar do estudo:

Data: \_\_/\_\_/\_\_

Nome: \_\_\_\_\_

Assinatura: \_\_\_\_\_

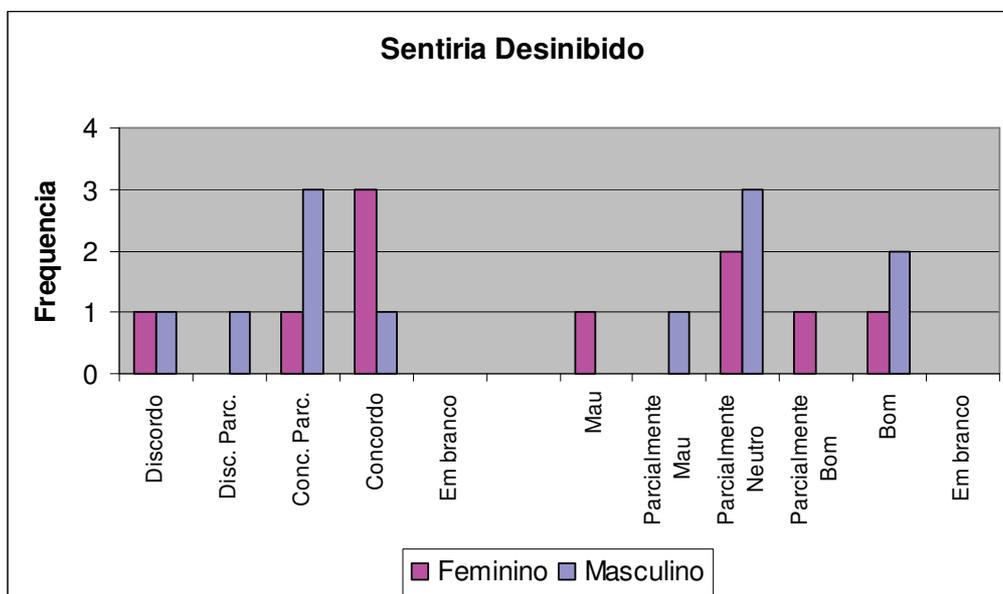
Responsável pela pesquisa

Leda Rúbia Corbulim Maurina- CRP 07 12927

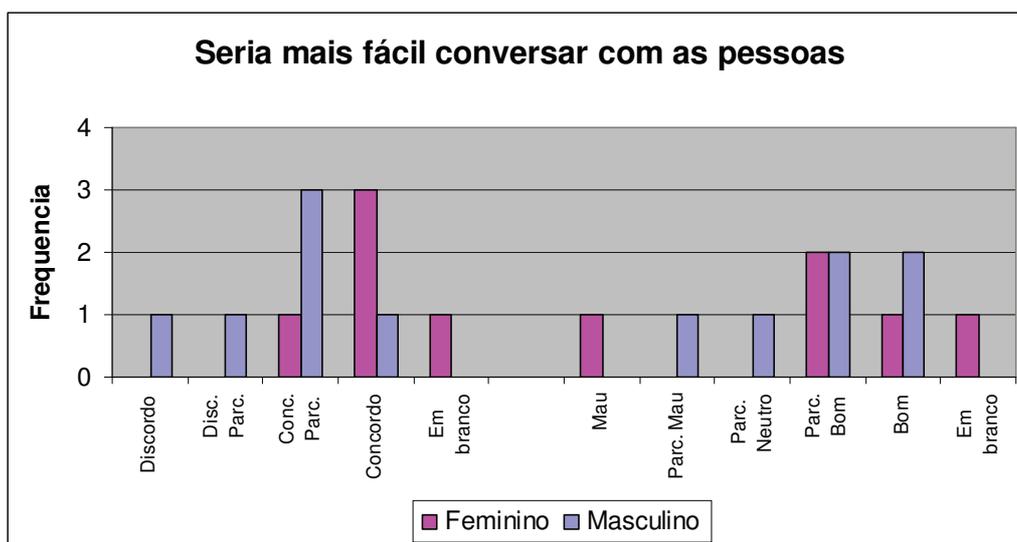
Rua Moron 1330, bairro Petrópolis, Passo Fundo-RS.

Assinatura: \_\_\_\_\_

### ANEXO 3 – GRÁFICO ‘SENTIRIA DESINIBIDO’



## ANEXO 4 – GRÁFICO ‘SERIA MAIS FÁCIL CONVERSAR COM AS PESSOAS’



## ANEXO 5 - GRÁFICO 'DESCUIDARIA DAS MINHAS OBRIGAÇÕES'

